

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Carina Estefânia da Silva Fonseca

**Que lugar para o Ensino da Filosofia
na era da tecnologia e globalização?**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Carina Estefânia da Silva Fonseca

Que lugar para o Ensino da Filosofia na era da tecnologia e globalização?

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação do
Doutor Artur Manuel Sarmento Manso

outubro de 2015

DECLARAÇÃO

Nome: Carina Estefânia da Silva Fonseca

Endereço eletrónico: carina.fonseca7@gmail.com

Número do cartão de cidadão: 13806497

Título Relatório: Que lugar para o Ensino da Filosofia na era da tecnologia e globalização?

Orientador(es): Doutor Manuel Sarmento Manso

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____ / ____ / ____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, ao homem que me educou e me proporcionou a oportunidade de hoje estar a escrever estas palavras, no que é então o meu relatório de estágio. Ao meu pai, Valdemar Chaves, o meu enorme obrigado. Obrigada à minha mãe pela dedicação eterna e confiança exemplar que sempre demonstrou em mim e muitas vezes fez questão de vincar para não me deixar desistir. À minha irmã pela paciência e pelo encorajamento nas horas mais difíceis.

Quero agradecer também, aos meus amigos, aos meus ilustres professores do ensino secundário e a todos aqueles que viveram comigo este sonho.

Por último, mas não menos importante, à minha orientadora de estágio Dra. Adelaide Oliveira, ao meu supervisor Dr. Artur Manso, à minha colega de estágio, companheira de todas as viagens e demais colegas de curso.

E como não poderia deixar de ser, um merecido destaque ao verdadeiro motivo da minha dedicação e empenho. Àqueles que me fazem lutar e acreditar em dias melhores, aos meus alunos das turmas 10º 1 e 10º 2 do Agrupamento de Escolas de Maximinos - Braga, o meu muito obrigada, a quem desejo o melhor que a vida possa dar.

Resumo

O presente relatório de estágio emerge, em primeiro lugar, de uma preocupação minha muito particular. A urgência de uma filosofia renovada e com um papel importante no desenvolvimento dos nossos jovens e o ataque constante à mesma devido à imposição de conceções que a rotulam de inútil. Por considerar a filosofia uma disciplina incontornável no desenvolvimento e formação do indivíduo, é quanto a mim, interessante e importante compreender esta necessidade de filosofia, neste mundo dominado pelas tecnologias – onde o adquirido e o pensamento formatado imperam.

Nas páginas seguintes é possível observar-se o resultado, por um lado da implementação do Plano de Intervenção Pedagógica, intitulado *Que lugar para o Ensino da Filosofia na era da tecnologia e globalização*, tendo como amostra ou público-alvo os alunos do 10º ano, da turma 1 do curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias; assim como, por outro lado, o trabalho realizado em estágio profissional, que decorreu no Agrupamento de Escolas de Maximinos, em Braga, sob a orientação da Dra. Adelaide Oliveira e a supervisão do Doutor Artur Manso.

O relatório de estágio tem um propósito fundamental – aliar a parte pedagógica à parte investigativa, estando esta última ao serviço da primeira. Posto isto, pode-se dizer que se desenvolveu segundo duas óticas distintas, mas complementares:

Vertente Pedagógica: que diz respeito ao período de lecionação. O acordado foi lecionar 14 aulas (blocos de 90 minutos), tendo como base o programa do 10º ano de Filosofia, as planificações anuais disponibilizadas pelo departamento e demais materiais e recursos ligados ao exercício da atividade filosófica.

Vertente Investigação/Ação: é fundamental desenvolver nos jovens a capacidade de pensar por eles próprios, de forma crítica e não escrava de ideologias impostas. Numa sociedade sedentária, dominada pelo tecnológico, pelo imediato, é urgente que a disciplina de filosofia consiga impor-se e dar respostas a uma realidade, que é hoje, preocupante.

Aqui, encerram-se pensamentos e convicções, inquietações e desabafos. O trabalho de dois anos de Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário e uma vida de inspiração pela área da docência estão plasmados nestas páginas que são também o resultado do meu crescimento enquanto pessoa e enquanto profissional, tendo adquirido competências e desenvolvido conhecimentos necessários e fundamentais.

Abstract

This internship report emerges, firstly, from a very particular concern of mine: the pressing need for a renewed approach to philosophy, which plays an important role in the development of our youth, and the constant challenging of this subject derived from conceptions that label it as useless. As I consider philosophy an indispensable discipline in the training and development of mankind, it is interesting and important, in my opinion, to understand this need for philosophy in this world ruled by technology - where things taken for granted and formatted thinking prevail.

On the following pages we can observe the result of, on the one hand, the implementation of the Educational Intervention Plan, entitled *Que Lugar para o Ensino da Filosofia na era da tecnologia e da globalização [Which Place for Philosophy in the Era of Technology and Globalization]*, with a sample or target audience comprised of students of the class 1– 10th grade, Scientific-Humanistic Course of Sciences and Technologies; and, on the other hand, the work done while in professional training, developed in the Maximinos Group of Schools in Braga, under the supervision of Dr.^a Adelaide Oliveira and the supervision of Dr. Artur Manso.

The internship report has a key purpose – to combine the pedagogical area with research, the latter being at the service of the first. Hereupon, it is possible to say that this report was developed according to two different, but complementary perspectives:

Pedagogical aspect: that which concerns the teaching period .It was agreed to teach 14 lessons (blocks of 90 minutes), based on the curricular plan for Philosophy students attending the 10th grade, the annual planning provided by the Department and other material and resources related to the exercise of philosophical activity.

Research / Action aspect: it is essential to stimulate in young people the ability of thinking by themselves, critically, without submitting to imposed ideologies. In a sedentary society, dominated by technology and by the immediate, it is urgent that Philosophy can rise as a discipline and bring answers to this problematic reality.

This paper expresses thoughts and beliefs, concerns and confessions. The work of two years in this Master of Philosophy Teaching for High School and a life of inspiration for the teaching practice are embodied in these pages which are also the result of my growth as a person and as a professional, having acquired skills and developed the fundamental requirements and knowledge.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Introdução	1
1. Enquadramento do contexto de intervenção	3
1.1.Caraterização da Escola	3
1.2.Registo da Turma	4
2. Linha de Investigação	5
2.1.Importância da aprendizagem filosófica	5
2.2.A filosofia e o ensino atual	6
2.3.O papel da filosofia na sinuosidade de uma juventude tecnológica e globalizada	8
2.3.1. A tecnologia e a didática/o problema da didática de filosofia	9
3. Desenvolvimento e Avaliação do Contexto de Intervenção	12
3.1.A Prática Pedagógica	12
3.1.1. Enquadramento e Contextualização das Planificações	12
3.1.2. Planificações	13
3.1.2.1. Planificação de Aula de Filosofia 4	13
3.1.2.2. Planificação de Aula de Filosofia 11	14
3.1.2.3. Planificação de aula de Filosofia 14	15
3.1.3. Fundamentação teórica das aulas Tratadas	16
3.1.4. Análise da Quarta Aula	16
3.1.5. Análise da Décima Primeira Aula	17
3.1.6. Análise da Décima Quarta Aula	18
3.1.7. Avaliação da Intervenção	22
4. Inquéritos	23
4.1. Inquéritos Realizados aos Alunos	24
4.1.1. Primeiro Inquérito	24
4.1.2. Segundo Inquérito	28
4.1.3. Conclusão dos Inquéritos aos Alunos	34
4.2. Inquérito aos Professores	35
4.2.1. Conclusão do Inquérito aos Professores	39
Conclusão	40
Bibliografia	43

Gráficos

Gráfico 1	24
Gráfico 2	25
Gráfico 3	25
Gráfico 4	26
Gráfico 5	27
Gráfico 6	27
Gráfico 7	28
Gráfico 8	29
Gráfico 9	29
Gráfico 10	30
Gráfico 11	30
Gráfico 12	31
Gráfico 13	32
Gráfico 14	32
Gráfico 15	33
Gráfico 16	35
Gráfico 17	36
Gráfico 18	36
Gráfico 19	37
Gráfico 20	37
Gráfico 21	38
Gráfico 22	38

Anexos

Anexo I	46
Anexo II	52
Anexo III	53
Anexo IV	54
Anexo V	60
Anexo VI	63
Anexo VII	68

Introdução

O relatório aqui apresentado, intitulado *Que Lugar Para a Filosofia na era da Tecnologia e Globalização*, diz respeito ao plano de intervenção pedagógica supervisionado (anexo I), parte essencial e integrante do estágio profissional do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, que decorreu no Agrupamento de Escolas de Maximinos - Braga. O estágio foi orientado pela Dra. Adelaide Oliveira e supervisionado pelo Doutor Artur Manso. A aplicação dos objetivos do mesmo, como será visível ao longo do relatório, incidirá, mais concretamente, na turma 10º1 do curso Científico-Humanístico de Ciências e tecnologias no ano letivo 2014/2015, apesar de eu ter lecionado também na turma 10º 2 numa fase inicial.

O relatório de estágio traduz o projeto de intervenção em ação, projeto esse que contém uma dimensão pedagógica – observação e leção das aulas - e uma parte de investigação-ação em que se suporta a primeira – recolha de informação; inquéritos por questionário direcionados, neste caso, para a relação da filosofia com os paradigmas tecnológicos. O relatório alia, assim, a investigação à leção, pois não se ensina por ensinar, nem se investiga por investigar.

Um dos grandes objetivos deste projeto é compreender o ensino e os alunos, perceber as mudanças abruptas que foram acontecendo ao longo dos tempos - de forma a identificar eventuais problemas ou possíveis melhorias - para que possamos dar aos estudantes um ensino renovado, inspirador e competente. Seguindo esta linha de pensamento e no que concerne a este estágio em particular, os objetivos que o sustentam: tentar compreender a importância da disciplina de filosofia e a sua influência no contexto em que se insere, neste caso, no ensino secundário; indagar sobre o papel que a disciplina ocupa no seio de uma juventude predominantemente tecnológica. Assim refletiremos, simultaneamente, sobre o papel da filosofia enquanto meio de compreensão do fenómeno tecnológico e sobre a utilização da tecnologia no campo da pedagogia.

Os objetivos apresentados tiveram um papel fundamental e orientador na leção das aulas. Mais do que ensinar alunos, os professores devem preocupar-se em contribuir para formar pessoas: ativas, críticas e lúcidas. Os homens não são fechados em si mesmos e “só a filosofia promove um conhecimento geral e unificado das relações entre os diversos conhecimentos e as grandes preocupações dos homens” (Manso, 2012a: 40). Para que a filosofia cumpra o seu propósito e finalidade, é necessário termos alunos motivados para o exercício do pensamento e uma disciplina de filosofia renovada capaz de os motivar no mundo em que se movem, predominantemente tecnológico. É preciso compreender que filosofia está e estará sempre em todo o lado: “Pode por isso dizer-se que enquanto houver indivíduos, a filosofia jamais cessará, pois a actividade do dia a dia é feita de questionamento e dúvidas, de pensamentos e incertezas” (Manso, 2012b: 5).

De uma forma geral, tudo foi feito como planeado, no entanto, algumas dificuldades também acompanharam o processo de intervenção pedagógica. O trabalho na escola era exigente, a elaboração das planificações era uma constante, a juntar ao trabalho a realizar na universidade. Talvez com menos carga horária na universidade e mais tempo de aulas na escola, a implementação do projeto fosse mais fácil, para não falar na diversidade de experiências mais ligadas à ação que isso nos proporcionaria.

O relatório é, então composto pela introdução e a apresentação do contexto de intervenção, a que se seguem a fundamentação da linha investigação e a descrição e avaliação da intervenção. Termina com as habituais conclusões, bibliografia e o apartado de anexos.

1. Enquadramento do Contexto de Intervenção

A importância da educação não é uma constatação nova. Desde a antiguidade que se rotula de pertinente e fundamental, a formação individual dos cidadãos. Após a revolução francesa, de uma forma mais acentuada, pela educação, a instituição escola, encontra na formação dos indivíduos, a sua verdadeira motivação e finalidade. É no reconhecimento dessa importância, que a Constituição da República Portuguesa declara como sendo um direito de todos o acesso às instituições de ensino e à formação individual – direito esse, assegurado pelo conjunto de meios do sistema educativo: “O sistema educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.” (cf. Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto (2005). Lei de Bases do Sistema Educativo, Versão nova Consolidada.)

As instituições de ensino desempenham um papel importante, no que concerne à aplicação dos princípios de formação dos indivíduos e, por isso, devem constantemente pensar e repensar as estratégias que melhor sirvam os seus propósitos – ensinar, formar, preparar, orientar, educar e em última análise, preparar o indivíduo para a vida em sociedade. Apesar de os desafios atuais exigirem cada vez mais audácia e coragem, as escolas têm de saber dar as melhores respostas, e devo dizer que na escola onde pude realizar o meu estágio profissional tudo é feito com competência e com sentido de responsabilidade. A Escola Secundária de Maximinos está inserida no Agrupamento de Escolas de Maximinos - Braga, e tem como lema “do conhecimento à cidadania ativa”, o que por si só, evidencia a sua orientação radical para o sistema educativo. Por fim, e de forma a ultrapassar as dificuldades referentes ao processo ensino-aprendizagem, insere-se, ainda, num projeto, designado de Projeto Frei.

1.1. Caracterização da Escola

A Escola Secundária de Maximinos está inserida no Agrupamento de Escolas de Maximinos - Braga, e adotou como lema “do conhecimento à cidadania ativa”, o que por si só, evidencia a sua orientação para o sistema educativo, estando, ainda, de forma a ultrapassar as dificuldades referentes ao processo ensino-aprendizagem, inserida no designado Projeto Frei, que se estende a todo o agrupamento. Esse projeto é um plano de melhoria, que define metas, eixos e ações que orientam a atividade durante todo o ano letivo.

Tem como área de influência pedagógica as freguesias de Maximinos, Ferreiros, Gondizalves e Semelhe, no concelho de Braga. A 1 de Agosto de 2010, por decisão da tutela, foi criado o Agrupamento de Escolas de Maximinos, resultante da fusão entre a Escola Secundária de Maximinos (escola sede do agrupamento) e

o Agrupamento de Escolas Oeste da Colina, correspondendo assim, no ano letivo 2014/2015 a um total de 1800 alunos. Ao nível das ofertas educativas, o Agrupamento contempla o ensino pré-escolar; 1º, 2º e 3º ciclos; ensino secundário – com cursos científicos, nomeadamente, Humanístico de Ciências e Tecnologias, Humanístico de Línguas e Humanidades, Humanístico de Ciências e Socioeconómicas e Humanístico de Artes Visuais; e ensino profissional. É ainda de salientar que é um agrupamento de referência para alunos cegos ou de baixa visão.

O plano de turma do 10º 1, à qual submeti o meu projeto de intervenção, é construído tendo em conta esse projeto.

1.2. Registo da Turma

Antes de expor as características específicas da turma onde implementei o meu projeto de intervenção, parece-me importante referir que lecionei em duas turmas distintas. Iniciei o meu estágio na turma 10º 2, onde lecionei um total de 4 aulas, e as restantes 10 foram lecionadas na turma 10º 1, sendo esta última a escolhida para a implementação do projeto, pois seria a turma onde eu passaria mais tempo, conferindo à minha análise e investigação, um maior critério e rigor.

A turma que me foi atribuída é então, do 10º ano, do curso Humanístico de Ciências e Tecnologias, constituída por 28 alunos, 15 (54%) rapazes e 13 (46%) raparigas. A 15 de Setembro, 7 alunos (25%) tinham 14 anos; 18 alunos (64%) tinham 15 anos e 3 alunos (15%) 16 anos, todos de nacionalidade portuguesa. Deslocam-se sem dificuldade para a escola e 7 alunos têm problemas de visão. Uma grande parte da turma é adepta e praticante de desporto. Nas suas preferências estão as aulas experimentais e os trabalhos de grupo. 27 alunos gostam da escola e 21 gostam de estudar. As expectativas são elevadas, sendo que 25 alunos pretendem seguir o ensino superior, em áreas como medicina e outras áreas da saúde, no entanto em conselho de turma foi dito que não estudam o suficiente para atingir estes objetivos. Alguns alunos têm dificuldades em concentrar-se e falam muito durante as aulas, não sabendo participar de forma ordeira. No índice de repetência, com uma retenção encontram-se 4 alunos.

No que concerne à parte pedagógica e didática das aulas, esta turma encontra-se refém, como tantas outras, das tecnologias – estando, desta forma, no primordial das suas preferências o recurso ao *PowerPoint*. Ora, este será o grande desafio dos tempos de hoje, entendida por alguns como “A primeira mediação que condiciona o ensino da filosofia no secundário é a didática” (Cifuentes, 2012: 46). Por um lado, as tecnologias podem ter um papel verdadeiramente repressivo, analogicamente, como uma espécie de corpo ou matéria em relação à alma, mas por outro lado, podem ser úteis ao propósito da própria atividade filosófica.

Aquilo que realmente importa, antes de qualquer juízo de valor, é refletir sobre o que pretendemos ensinar aos nossos alunos. Recupero uma inquietação que não é minha, mas que também me perturba e desassossega: devem os professores de Filosofia, ensinar Filosofia ou ensinar a filosofar? A resposta não me parece de todo fácil e evidente. Já Kant tinha anotado que “não é possível ensinar filosofia, pois o que é verdadeiramente possível é ensinar a filosofar. (...) Bem vistas as coisas, talvez Kant quisesse afirmar, quando se referiu ao assunto, que propriamente a filosofia não se ensina nem se aprende, pratica-se” (Patrício, 1995: 6). Chegados a este ponto, podemos adiantar que a prática filosófica encontra em Kant um caráter especial e as tecnologias podem ter um papel importante - quando usadas da forma correta - na introdução e implementação dessa prática, oferecendo aos alunos verdadeiras experiências filosóficas – que é o que nos importa, ou pelo menos deveria importar.

Os desafios ao nível da didática são enormes, tornar as aulas de filosofia atrativas também corresponde a um grau de exigência elevada, pois “esta mudança de paradigma informativo e comunicativo obrigou-nos a repensar o modo de apresentar e de transmitir os conteúdos da aula de filosofia a alunos adolescentes que possuem outros códigos de leitura, de escrita e de comunicação” (Cifuentes, 2012: 51).

2. Linha de Investigação

2.1. A importância da aprendizagem filosófica

Desde sempre que a humanidade assume uma natureza pensante. O pensar faz parte da sua condição de ser. Descartes subordinava a existência ao próprio ato de pensar, aquando da sua afirmação “Penso, logo existo” (Descartes, 1995: 55). A ser assim, para podermos compreender a utilidade da Filosofia, temos que ter em conta algumas considerações, pois “a filosofia não é um saber imóvel ou fraco, sempre igual a si mesmo” (Girotti, 2012: 39) mas uma realidade que de forma diversificada nos confronta e nos eleva o pensamento, fornecendo uma consciência crítica – não se deixando, desta forma, aprisionar e amedrontar por ideias fixas e estereótipos. É importante que os alunos possam ter contacto com a aprendizagem filosófica, promovendo neles, uma autonomia, uma cultura cívica, uma liberdade de pensamento, uma capacidade de formular juízos sustentáveis e não apenas meras opiniões infundadas e vazias.

A importância da aprendizagem da filosofia vai muito para além dos conteúdos lecionados. Ela é reconhecida “na configuração deste novo imperativo educativo que o aprender a viver juntos consubstancia” (Henriques; Vicente & Barros, 2001: 4), e, ainda, pelo “reconhecimento do valor da aprendizagem desta disciplina não apenas no processo do saber de si, de cada um, como também no aperfeiçoamento do seu

discernimento cognitivo e ético, contribuindo, assim, directamente, para a capacitação de cada jovem para o juízo crítico e participativo da vida comunitária” (*ibidem*).

Para além da sua importância temos também a sua utilidade. E quanto a isto parece não haver dúvidas. Aliás, nem pode haver, “a filosofia é útil, porque o seu ensino trás dividendos, porque há nele uma manifesta eficácia” (Ferreira, 1988: 21). Como diria Piaget, “o homem que nunca contactou com a filosofia é irremediavelmente incompleto” (citado por Ferreira, 1988: 21). É impossível afirmar-se que alguém que tenha contactado com a filosofia não esteja efetivamente mais preenchido, mais rico, mais equilibrado e, conseqüentemente, mais humano. Será sempre pelas suas ferramentas e pela sua aprendizagem, que se desmontam discursos, que nos tornamos desconfiados, capazes de combater ideologias aparentemente inocentes: “A filosofia fornece uma bagagem mental, conceptual e cultural que é um património rentável no nosso mundo em mutação. Ela fomenta uma flexibilidade de espírito que possibilitará posteriormente uma melhor adaptação a qualquer domínio do real. Uma adaptação não imediata, não cega, mas sim e sempre crítica.” (Ferreira, 1988: 21).

2.2. A filosofia e o ensino atual

É do conhecimento geral, que a educação e o ensino em Portugal já tiveram melhores dias. Devido à enorme desvalorização do ensino público e tentativa de privatização do mesmo, às burocracias que assombram os professores diariamente, aos objetivos que sustentam o próprio ensino - onde o importante é no final de cada ano ter uma percentagem elevada de alunos que transitam – assistimos, com alguma tristeza, à decadência do ensino.

A par disto, também temos verificado um desprezo abusivo e propositado pela filosofia. A filosofia, como já tive oportunidade de referir, tem um papel fundamental na formação dos nossos jovens, é a disciplina que melhor pode fornecer os instrumentos para que se possa viver em sociedade de forma consciente e ativa. É importante refletir se a filosofia que hoje vigora nas nossas escolas consegue dar resposta às exigências de uma sociedade que se quer democrática, instruída e crítica.

Ao olharmos para o programa de filosofia e mesmo para opiniões dos docentes de filosofia – se não em todos, pelo menos em boa parte deles – as posições são convergentes, no sentido de proclamarem um estatuto especial ao ensino da filosofia. Mas o que tem a filosofia e o seu ensino de diferente das outras disciplinas? Tem algumas particularidades pois “A filosofia e o ensino da filosofia não são isomorfos, porque a filosofia não precisa de ser ensinada nem aprendida para ser filosofia” (Boavida, 2000: 553). Deste ponto de vista, talvez o ensino esteja a desvirtuar a própria filosofia e a sua especificidade, ensinando-se e aprendendo-se “em nome

da filosofia, muita coisa que não o é” (*ibidem*). Talvez uma das características mais peculiares da filosofia seja a sua autonomia, no sentido de se definir a si própria, assim como à sua especificidade e ao seu “autoconhecimento”. Mas a história também relata uma filosofia aprisionada, “antes se sujeitou a outras modalidades de conhecimento: foi ‘*ancilla*’ (serva) da fé na era medieval, foi usurpada da fé nos tempos modernos e serva da ciência se tornou no desfraldar da modernidade, graças sobretudo ao giro gnosiológico que a última inspirou e favoreceu” (cf. Scheler, 2002: [I]) E não é de uma filosofia aprisionada que precisamos, muito pelo contrário. Mas quando pensamos que ela está a salvo, o equívoco não poderia ser maior. Pois aquilo que se nos afigura, é uma filosofia, mais concretamente, um ensino da filosofia incapaz de sustentar os seus propósitos – deixando-se ficar refém de ideologias imperantes, fechada em programas curriculares obsoletos e desajustados aos contextos atuais, pois uma coisa é uma história da filosofia outra é “uma filosofia que corresponde a uma necessidade da humanidade” (Feuerbach, 2008: 1). E é disso que precisamos: de uma filosofia que responda às necessidades, aos problemas atuais, fornecendo aos nossos alunos uma capacidade única de sobreviver neste mundo deformado e estereotipado em que “a mentalidade que hoje domina, e os novos condicionalismos sociais de natureza tecnológica, apontam para um modelo de vida coletiva, em geral designado como *sociedade aberta e em desenvolvimento*.” (Soveral, 1991: 5).

A institucionalização da filosofia, presa a um programa “tende a petrificar-se, a desdobrar-se por repetição, cimentando o adquirido, que se constitui em imagem pública e oficial, em oposição declarada aos desígnios da filosofia” (Gonçalves, 1988: 25). Não defendo que não exista um programa, nem tão pouco que deixe de haver filosofia na escola - pois se assim fosse, seria prejudicial para muitos alunos que deixariam de poder usufruir dos seus ensinamentos – mas certamente haverá soluções, e cabe aos professores de filosofia fazer com que os seus ensinamentos não sejam reduzidos a um conhecimento que se ensina e se aprende, onde imperam as passagens de testemunho de um mundo que já existiu, sem que os alunos sejam capazes de transformar e criar algo novo. Se no entendimento de Rawls, o estado ideal só se vislumbrava sob um véu de ignorância, partindo todos de uma condição igualitária, de forma a criar uma sociedade mais justa, neste caso específico rompamos com o véu de ignorância imposto pelo facilitismo, pelas instituições políticas, pelo desenvolvimento desmedido das tecnologias. Romper barreiras, rasgar preconceitos e eliminar estereótipos, é sem dúvida a essência da filosofia – numa inspiração sempre crítica, sempre atenta.

É importante que os alunos desenvolvam as suas capacidades de forma a assumirem a sua cidadania. Rompendo, assim, com “a nossa novíssima condição actual de «expectadores» (imposta pela era tecnológica) resultante de uma vida quotidiana grosseira e artificialmente dramatizada” (Soveral, 1991: 8) que nos submete “nesse domínio quase exclusivo de uma experiência fictícia” (*ibidem*), levando-nos para uma realidade cada vez mais enraizada na crueldade e no antissocial. Neste contexto, “a filosofia é a disciplina privilegiada. Não só

porque é, para o efeito, a mais adequada ginástica mental, mas ainda, e principalmente, porque só ela, impondo o cultivo das virtudes sóficas, exige dos interlocutores a assunção de uma postura ética” (*idem*: 16).

2.3. O papel da filosofia na sinuosidade de uma juventude tecnológica e globalizada

As exigências que confrontam as humanidades em geral e a filosofia em particular são enormes nos dias de hoje. Seria pertinente refletir sobre um ensino da filosofia renovado, para fazer face a estas exigências – que são, não só, predominantemente de organização do próprio estudo filosófico, como são, também, de ordem tecnológica – uma vez que a tecnologia impera no mundo atual.

Ao olharmos para o mundo atual, rapidamente nos apercebemos do peso da globalidade tecnológica. Ora, aqui, subjaz uma questão: onde inserir a filosofia neste contexto? Em primeiro lugar, é importante realçar que se corre o risco de se “supor que a filosofia se encontra fora da cultura, como contempladora, ajuizadora ou sintetizadora do que se lá passa” (Moura, 1988: 30) Nada mais errado, pois à filosofia cabe “um lugar específico, próprio, que é todavia um lugar intercultural” (*ibidem*). E por isso, a filosofia não pode, nem deve fugir a este estado tecnológico, também ele pertencente a uma cultura. Deve pois, refletir sobre ele e, por isso, podemos dizer, neste sentido, que a própria tecnologia é um problema filosófico. A filosofia não pode colar-se à margem desta nova dimensão: “a dimensão do fazer e do saber-fazer é imprescindível ao pensamento que se ocupa do ser activo do homem, do seu destino e da sua relação ao mundo” (Cantista, 1988: 5). Ao olharmos para a realidade atual, constatamos que o filósofo em particular e a filosofia em geral, não se designam de outra forma que não seja como pertença ao passado, ao que se entende de arcaico. No entanto, é curioso verificar que nos países mais desenvolvidos, mais tecnológicos e científicos, hoje, se proclama com urgência a necessidade das humanidades, a importância do filósofo. E isto não pode ser por mero acaso ou capricho, mas porque, efetivamente, esses países compreendem a sua importância e compreendem fundamentalmente, que “este «trabalho interior», que reverte em favor do próprio sujeito, não é passividade ou inacção, mas fonte inesgotavelmente potenciadora de novas e recriadas energias produtivas” (*idem*: 14). É necessário que se quebre a tendência de se criar conhecimento mecanizado e puramente cientificista, pois hoje, nos países do primeiro mundo, é evidente e claro “que o homem será tanto mais eficaz tecnicamente, quanto mais praxicamente habilitar as suas faculdades de pensar, de imaginar, de querer” (*ibidem*).

No que concerne, especificamente, à filosofia lecionada no ensino secundário e aos que dela se servem - professores e alunos – tenho de tecer algumas considerações. A filosofia é encarada, numa juventude predominantemente fascinada pelas tecnologias, como algo demasiado abstrato e substancialmente arcaico, como já tive oportunidade de referir. O que não é de estranhar dadas as inúmeras possibilidades de

experiências, ainda que fictícias, que a tecnologia proporciona aos nossos jovens. Os jovens devem olhar para o que a tecnologia lhes fornece de forma crítica e não consentida. Para isso, terão à sua disposição os instrumentos que a própria filosofia lhes faculta. Em segundo lugar, que não deixa de ser consequência do anteriormente afirmado, esta realidade é um enorme desafio ao próprio ensino da filosofia e aos professores, pois os alunos parecem viver aprisionados cada vez mais ao que lhes é dado, ao concreto, muito por culpa da tecnologia que lhes fornece tudo sem o mínimo de esforço. Cabe aos professores alterar o rumo das coisas, mas para isso será necessário rever a didática das suas aulas e as suas concepções pedagógicas, uma vez que, na maioria dos casos, o que acontece é uma utilização dos instrumentos tecnológicos pouco positiva, isto é, uma utilização que contribui mais para o pensamento formatado e pouco para o pensamento livre e crítico – como é, no meu entender, o frequente e excessivo uso do *PowerPoint*. No entanto, também é importante referir que nem todos os professores detêm o domínio total sobre as diversas ferramentas que a tecnologia nos proporciona, uma vez que a formação docente na área das TIC se encontra parada. Ainda assim, o interesse, a atitude investigativa, são muito importantes para se colmatar a falta da formação nessas áreas e dar-se aos professores a capacidade de inovar.

2.3.1. A tecnologia e a didática / O problema da didática de filosofia

A questão que predomina no seio de uma realidade nova, onde filosofia e tecnologia se cruzam, é como enquadrar a tecnologia, de forma eficaz, no ensino da filosofia. E talvez a tecnologia possa dar um enorme contributo à aprendizagem filosófica. No entanto, essa abordagem não pode ser feita com leviandade, tem de ser pensada, é necessário refletir sobre a forma de a utilizar: “Não se pode cair em atitudes extremistas de *tecnolatria* nem de *tecnofobia* perante o uso dessas novas formas de comunicação dos conteúdos filosóficos. O importante é saber fazer delas um proveito educativo” (Cifuentes, 2012: 44).

No que ao ensino da filosofia diz respeito, muito se tem debatido sobre a organização do curriculum e dos programas. Parece existir a opinião generalizada de que os problemas do ensino da filosofia, atualmente, se prendem apenas com a organização curricular e com os conteúdos a lecionar. Quanto aos conteúdos, sou da opinião que poderia haver algumas alterações, pois algo que não compreendo é porque o programa contempla a abordagem ao autor Rawls e não contempla, por exemplo, Marx. Mas não é isso que me proponho desenvolver aqui. Ainda que, possamos admitir algumas modificações importantes no curriculum, o que importa realmente refletir, neste momento, e que me parece ser um dos maiores problemas do ensino da filosofia, é a sua didática.

Antes de mais há uma questão à qual não podemos fugir. É importante a existência de uma didática da filosofia? Esta questão não é nova e suscitou durante vários anos dúvidas e desacordos, principalmente no seio

daqueles que apregoam que “a filosofia é ela própria uma pedagogia e uma didáctica” (Vicente, 1994: 397) Como se sabe, nem sempre a filosofia dispôs de uma didática, mas a dada altura um novo paradigma surgiu. No trabalho desenvolvido pelo Prof. Michel Tozzi e seus colaboradores, evidenciou-se “a necessidade e a urgência de uma didáctica da filosofia” (*idem*: 399). Muitas foram as razões apontadas para a renovação do ensino da filosofia e da sua didática, pois o cerne da questão é compreender se os alunos realmente aprendem e se os professores têm as capacidades necessárias para ensinar.

Olhando para o estado de ensino atual e para toda a inovação vigente, quer no ensino quer na própria sociedade, talvez seja necessário refletir sobre a didática da filosofia. Uma coisa é certa, “a primeira mediação que condiciona o ensino da filosofia no secundário é a didática” (Cifuentes, 2012: 44). Quer dizer que para se alcançar uma educação verdadeiramente filosófica tem de se ter em conta diversos fatores: tais como “o contexto real no qual cada professor trabalha diariamente, o contexto cultural dos seus alunos e as circunstâncias históricas, sociais e políticas nas quais está inserida a atividade docente de cada professor ou professora de filosofia” (*idem*: 48).

Um entrave, que me parece bastante significativo, consiste no facto de os adolescentes se caracterizarem, hoje, de forma muito diferente, comparativamente com alunos de outros tempos. Os alunos da sociedade atual são caracterizados pela sua natividade digital, com um código linguístico muito próprio. Apesar do conhecimento filosófico, por parte do professor, ser necessário, não é mais condição suficiente na aprendizagem eficaz dos alunos – dadas as características, já referidas, dos mesmos. Estas condicionantes são verdadeiramente reveladoras na medida em que obrigam a uma reflexão cuidada por parte dos professores aquando da aplicação dos seus métodos de ensino. Não podemos pensar os alunos como algo isolado, eles fazem parte de uma realidade modificada e em constante transformação, à qual a própria filosofia não pode ser alheia, havendo “uma relação, uma dialéctica eu-outro, eu-nós, como mostrou Wallon (1959), que é indispensável à filosofia, que está na origem do diálogo filosófico, e que tem raízes na natureza do homem como «ser aí», como «ser-no-mundo», à maneira heideggereana” (Boavida, 2010: 24). Chegados ao ponto em que estando nós, professores, conscientes do tipo de alunos que iremos encontrar nas nossas salas de aula, estará dado um passo importante e fundamental para a aprendizagem dos mesmos. Pois, inevitavelmente, os métodos de ensino terão de ser moldados às realidades atuais, de forma a garantir essa aprendizagem.

A questão que se coloca, agora, é saber então quais os melhores métodos de ensino. Como ensinar filosofia e antes disso, mas que não deixa de ser um complemento do ensino da filosofia, como incentivar os nossos jovens para a aprendizagem da filosofia? Em primeiro lugar, parece-me óbvio que antes de tudo será importante a motivação dos alunos e o seu interesse na aprendizagem filosófica, caso contrário nunca poderão aprender verdadeiramente. Sobre isto, Boavida tece algumas considerações pertinentes. Diz ele que um

problema só é filosófico se for vivido e sentido como tal, isto é, “um problema ou é ou não é, e só é quando põe as pessoas face a situações que elas têm que resolver e, portanto, situações que solicitam de maneira efetiva as capacidades necessárias para encontrar uma solução” (*idem*: 25). Ao confrontarmos os alunos com um determinado problema, há diversas formas de o fazermos. Podemos simplesmente expô-lo e resolvê-lo, podemos expô-lo e permitir que o resolvam, ou podemos fazer com que sejam eles próprios a expô-lo e a solucioná-lo, sendo esta última a que me parece mais recomendável. Uma coisa é certa, a forma como o fazemos, o método utilizado é, sem dúvida, fundamental. E talvez o uso das tecnologias possa dar um contributo importante no que diz respeito a essa motivação. O que acontece muitas vezes, é que são as próprias aulas e o professor que acabam, no seu todo, por desmotivar os alunos. Se não todos os alunos, a maioria, vão entusiasmados para o 10º ano e muito se deve ao facto de encontrarem uma disciplina nova – a filosofia. Mas o que acaba por acontecer no término do contato com a disciplina é um desinteresse brutal, por parte da maioria dos alunos. Poucos são aqueles que mantêm uma relação próxima com a filosofia. Em segundo lugar, e para que a anterior também se concretize, é muito importante uma pedagogia canalizada para métodos diversificados. O professor de filosofia não pode fechar-se em si mesmo e nas suas conceções pedagógicas, tem de inovar: “o professor de filosofia não pode assumir-se como mero transmissor de uma cultura filosófica para que um sempre indiscutível diploma o habilita, mas tem de ser necessariamente um **despertador** e, em certo sentido, um filósofo” (Pissara, 1988: 66).

Talvez tenhamos de por de parte as conceções pedagógicas mais clássicas. Se pretendemos que os alunos sintam os problemas e sejam capazes de os resolver não podemos simplesmente ensinar-lhes esses problemas teóricos. Pretende-se “que o aluno seja levado a agir, que se obrigue a concretizar um projecto de realização e que, realizando-o, aprenda, fique a conhecer o assunto, com as capacidades que utilizou desenvolvidas pelo trabalho e em condições de as poder utilizar mais tarde” (Boavida, 2010: 41). O que realmente importa é que os alunos vivenciem experiências filosóficas. Ora, nesta perspetiva de projeto, nesta conceção de pesquisa, parece-me o meio ideal para a conciliação das tecnologias com a aprendizagem da filosofia. Vejamos, por exemplo, as webquest, que têm como propósito fundamental, a capacidade de procurar, de sintetizar, de solucionar; promovendo o pensamento crítico e a liberdade de resolução. Para além dos conteúdos filosóficos, os alunos estarão em contacto com uma realidade que lhes é próxima (a tecnológica), e por si só estarão mais disponíveis e mais motivados.

3. Desenvolvimento e Avaliação do contexto de intervenção

3.1. A Prática Pedagógica

As aulas que lecionei no decurso do meu projeto prenderam-se, fundamentalmente, com o tema A Ação humana e os Valores e dentro deste, com a subunidade Ética, direito e política, tendo, ainda, acompanhado os alunos na elaboração dos trabalhos finais, nomeadamente nas apresentações dos mesmos, como contempla o programa de 10º ano, no último capítulo. De salientar que a abordagem aos temas teve sempre o seguimento rigoroso do programa curricular de filosofia. Essa subunidade consistia fundamentalmente numa abordagem introdutória sobre ética e moral; dimensão pessoal e social da ética; tendo sido abordados os autores Thomas Hobbes e John Locke; a necessidade da fundamentação da moral, onde foram introduzidas e comparadas as teorias de Kant e John Stuart Mill; ética, direito e política: introdução ao tema com Aristóteles, que apesar de não estar contemplado no manual, me pareceu importante a sua abordagem, e por último análise à teoria de John Rawls.

No que concerne às planificações das aulas, todas elas foram criadas e pensadas de acordo com o que estava proposto no programa de filosofia, tendo sido elaboradas com o máximo de critério e rigor, sendo que, me parece as estratégias, neste período de aprendizagem da profissão, nem sempre foram as mais adequadas, pois em alguns casos os alunos não corresponderam da melhor forma ao que era pedido. No entanto, para o efeito deste relatório não deixaram de ser importantes, dadas as lições tiradas *a posteriori*.

3.1.1. Enquadramento e Contextualização das Planificações

Tendo em conta a natureza deste relatório e as questões que me propus tratar, escolhi incluir as planificações que melhor espelham e realçam as problemáticas subjacentes a essas mesmas questões. Todas as outras planificações estão disponíveis num portefólio online - criado por mim - podendo ser consultadas a qualquer momento. Por outro lado, primando pela diversidade e a título de comparação, as planificações revelam diferentes formas de trabalho, diferentes métodos de abordagem, assim como diferentes estratégias e recursos.

De uma forma geral, a utilização do texto, recorrendo a obras originais, foi sempre uma preocupação, assim como a não utilização das tecnologias, salvo em três casos específicos. Posto isto, recorreu-se à utilização do *PowerPoint*, de filmes, de textos originais, de textos do manual e *WebQuest*. O manual de filosofia foi, objetivamente, sempre um ponto de partida na criação dos materiais a utilizar, tendo sido desenvolvidos esquemas e resumos das temáticas a abordar. Contudo, por entender ser insuficiente apenas o uso do manual, foi sempre uma preocupação recorrer a outras fontes bibliográficas de forma a enriquecer o conteúdo a

ministrar e a própria aprendizagem dos alunos, como por exemplo, vários volumes da História da Filosofia de Nicola Abagnano. A ideia foi sempre dar primazia à diversidade, mas sem nunca perder o foco relativamente ao que me propus investigar. Por isso, tudo se enquadrou dentro dessas premissas.

3.1.2. Planificações

3.1.2.1. Planificação de Aula de Filosofia 4

(correspondente à quarta aula lecionada)

Tema: A dimensão pessoal e social da ética – o si mesmo, o outro e as instituições

Turma: 10º 2

Duração: 90 minutos

Data: 23 - janeiro – 2015

Resumo & Finalidade da aula: Compreender a ética contratualista e a definição de Estado para John Locke. O Estado na sua raiz mais profunda.		Unidade II – A Ação Humana e os Valores	
		Subunidade: 3.1- A dimensão ético-política – análise e compreensão da experiência convivencial 3.1.2- A dimensão pessoal e social da ética – o si mesmo, o outro e as instituições	
Objectivos: Competências cognitivas: Compreender o conceito de Estado e as suas caraterísticas, Definir de forma clara a ética contratualista Competências Procedimentais: Assumir a pertença a um Estado. Competência atitudinais: Reconhecer as atitudes próprias inerentes ao conceito de cidadania.	Guia do Professor:	Guia do Aluno:	Materiais Utilizados: Diálogo professor/aluno
	I Momento da aula 15m - O professor faz a chamada e regista no livro de ponto as faltas dos alunos. - O professor dita o sumário.	I Momento da aula 15m - Os alunos respondem à chamada - Os alunos escrevem o sumário	
Conteúdos: II – A Ação Humana e os Valores 3.1- A dimensão ético-política – análise e compreensão da experiência convivencial. 3.1.2- A dimensão pessoal e social da ética – o si mesmo, o outro e as instituições.	II Momento da aula 60m - A professora questiona os alunos sobre a matéria dada na aula anterior para consolidação de conhecimentos e esclarecimento de dúvidas. Introdução ao filósofo inglês John Locke: contextualização histórica. Os alunos são confrontados com a problemática o eu e o Estado: Como surge, qual o seu poder e as suas limitações. São confrontados com as diversas objeções às teorias contratualistas.	II Momento da aula 60m Os alunos devem estar atentos, participar e registar no caderno. - Os alunos devem compreender a problemática e discuti-la em sala de aula.	PowerPoint
Tópicos de verificação e avaliação: - Diálogo Orientado;	III Momento da aula: 15m - Os alunos devem apontar o trabalho para realização extra-aula.		
Sumário: Recapitulação de alguns conteúdos abordados na aula anterior. Qual o papel do Estado? A teoria contratualista de John Locke.	III Momento da aula: 15m - Marcação de trabalho para realização extra-aula:		

Planificação de uma aula de Filosofia 10º Ano

Núcleo de estágio em Filosofia da Universidade do Minho – Ano Letivo de 2014/2015

3.1.2.2. Planificação de Aula de Filosofia 11
(correspondente à décima primeira aula lecionada)

Tema: Ética, Direito e Política

Turma: 10º 1

Duração: 90 minutos

Data: 24 - Fevereiro – 2015

<p>Resumo & Finalidade da aula: A aula contemplará uma introdução ao filósofo grego Aristóteles e seguir-se-á, a partir da análise de um texto, a explicitação, por parte do mesmo autor, sobre a problemática da legitimidade da criação do Estado.</p>	<p>Unidade II – A Ação Humana e os Valores</p> <p>3.1- A dimensão ético-política – análise e compreensão da experiência</p> <p>3.1.4- Ética, Direito e Política</p>		
<p>Objectivos:</p> <p>Competências cognitivas: Compreender o que é a ética e a política. Explicitar a relação entre ambas. Interpretar a importância da Cidade (Polis).</p> <p>Competências Procedimentais: Interpretar a concepção natural do homem para a sociabilidade e para a política.</p> <p>Competência atitudinais: Reconhecer a importância do autor, quer no âmbito da ética, quer no âmbito político; Legitimar o seu pensamento na organização de uma sociedade e no seu contributo na garantia da harmonia.</p>	<p>Guia do Professor:</p> <p>I Momento da aula 15m</p> <ul style="list-style-type: none"> - O professor faz a chamada e regista no livro de ponto as faltas dos alunos. - O professor dita o sumário. 	<p>Guia do Aluno:</p> <p>I Momento da aula 15m</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos respondem à chamada - Os alunos escrevem o sumário. - Os alunos devem responder de forma voluntária 	<p>Materiais Utilizados:</p> <p>Diálogo professor/aluno</p>
<p>Conteúdos: II – A Ação Humana e os Valores</p> <p>3.1.4 – Ética, Direito e Política</p> <p>Tópicos de verificação e avaliação: - Diálogo Orientado;</p> <p>Sumário: Correção do trabalho encomendado para realização extra aula. Introdução ao autor Aristóteles, bem como a sua explicação para a legitimidade da criação do Estado.</p>	<p>II Momento da aula 60m</p> <ul style="list-style-type: none"> - A aula iniciar-se-á com uma introdução ao autor e filósofo Aristóteles. De seguida, em grupo e de forma partilhada, os alunos analisam um excerto da obra de Aristóteles e terão, de forma autónoma, alcançar os respetivos conteúdos. Após essa análise, em conjunto debate-se as problemáticas encontradas. <p>III Momento da aula: 15m</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marcação de trabalho para realização extra-aula: 	<p>II Momento da aula 60m</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos devem estar atentos, participar e registar no caderno. - Os alunos devem ser capazes de refletir sobre a problemática apresentada. <p>III Momento da aula: 15m</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos devem apontar o trabalho para realização extra-aula. 	<p>Texto</p>

Planificação de uma aula de Filosofia 10º Ano

Núcleo de estágio em Filosofia da Universidade do Minho – Ano Letivo de 2014/2015

(correspondente à décima quarta aula lecionada)

Turma: 10º 1 Duração: 90 minutos Data: 10 - Março - 2015

Planificação de uma aula de Filosofia 10º Ano
Núcleo de estágio em Filosofia da Universidade do Minho – Ano Letivo de 2014/2015

3.1.3. Fundamentação Teórica das Aulas Tratadas

Com a análise e descrição detalhada das planificações apresentadas, poder-se-á compreender melhor o trabalho que foi realizado, a forma como os temas foram tratados e a influência que as escolhas dos materiais tiveram, assim como as estratégias implementadas, no que concerne a uma melhor compreensão das temáticas tratadas e uma aprendizagem mais efetiva das mesmas.

As planificações são um instrumento muito importante, no que diz respeito ao alinhamento da aula e à sua organização, uma vez que para além do conteúdo a lecionar, contemplam, ainda, as estratégias, os recursos e os objetivos a alcançar. No entanto, apesar dessa importância e à sua reconhecida utilidade, sempre as encarei de forma cuidada e crítica, no sentido de não se encerrarem em si mesmas e a qualquer momento poderem ser modificadas e alteradas em função dos acontecimentos inesperados da sala de aula e das exigências que a própria leção das temáticas impunha.

3.1.4. Análise da quarta planificação de aula

Nesta aula, complementar à subunidade **3.1.2 - A dimensão pessoal e social da ética – o si mesmo, o outro e as instituições**, foram abordadas as seguintes problemáticas: o eu e o Estado, dando, desta forma, continuidade à aula anterior. Por fim, introduziu-se o autor John Locke e a sua teoria do Estado, seu poder e limitações. A aula foi antecipada e cuidadosamente preparada, tendo em conta a turma em que será lecionada. Posto isto, no que aos conteúdos diz respeito, a aula contemplou a visualização de um PowerPoint, também ele escrupulosamente elaborado, sendo o mesmo o suporte e a base da explicação dos conteúdos. Pretendia-se que no final os alunos fossem capazes de **Compreender o surgimento do Estado e a sua importância; Analisar as teorias contratualistas; Distinguir as várias perspetivas do contrato social.**

De uma forma mais detalhada, a aula teve três momentos. Num primeiro momento fez-se a chamada e os alunos escreveram o sumário (15min. aproximadamente). Num segundo momento (desenvolvimento da aula) seguiu-se a visualização do PowerPoint. Os alunos foram acompanhando com o auxílio do recurso escolhido, a problemática em questão, colocando questões sempre que achassem necessário. Pretendeu-se que a aula fosse dinâmica e que os alunos tivessem um papel ativo. O que está planeado é que o recurso auxilie os alunos na abordagem dos conteúdos selecionados. O último e terceiro momento da aula (15min. aproximadamente) foi reservado para a marcação do trabalho a realizar extra aula.

Numa primeira fase, os alunos deveriam compreender o que são e como se caracterizam as teorias contratualistas da ética e, em consequência, tentar responder a questões como: que seres são merecedores

de consideração moral? Que princípios ou regras de comportamento devem orientar a nossa relação com esses seres? Porque devemos respeitar as obrigações que temos para com eles? Após a compreensão e consequente resposta a estas questões orientadoras, foi introduzida a problemática em torno do Estado, assim como a sua importância, percorrendo-se um caminho na percepção das suas características, no que concerne ao seu poder. Qual será o poder do Estado? Para responder a esta questão, foi introduzido o autor John Locke e será a partir da sua visão que os alunos são convidados a compreender o surgimento do Estado, os seus poderes e limites. No final da exposição e após a reflexão dedicada ao tema, os alunos deveriam perceber as fragilidades que esta teoria enfrenta.

Na dimensão contratualista da ética, assistimos a algumas teorias sobre a criação e a legitimidade do Estado. John Locke é um autor que aborda a necessidade e criação do Estado. Na sua teoria, é importante referir a dicotomia entre o Estado e as pessoas. Em primeiro lugar, a importância do Estado é, para o autor, fundamental. No entanto, o Estado não detém de um poder absoluto - o poder do Estado é limitado pelos direitos naturais. Em segundo, o surgimento do Estado deve-se à vontade e acordo de todos os cidadãos, num compromisso de transferência de competências. Ora, posto isto, os objetivos traçados prendem-se sobretudo com a capacidade de os alunos serem capazes de identificar a teoria de Locke como uma teoria contratualista e de conseguirem perceber a importância do Estado e das suas funções na garantia de uma sociedade justa e cooperante. E por fim, de tomarem consciência do contributo que esta teoria veio dar à reflexão sobre a relação do eu com os outros.

Devido ao meu projeto de intervenção, as estratégias que adotei, nesta aula em particular, prenderam-se ao uso das tecnologias, mais especificamente, o *PowerPoint*. Para além do recurso ao *PowerPoint*, o diálogo orientado e o debate foram uma constante.

3.1.5. Análise da décima primeira aula

Nesta aula, dando continuidade à subunidade **3.1.4 – Ética, Direito e Política**, foi abordado o seguinte tema: introdução ao filósofo Aristóteles, de forma a dar resposta, através do seu contributo, à problemática sobre a legitimidade da autoridade do Estado. Posto isto, ao que aos conteúdos diz respeito, a aula contemplou a análise de um texto, também ele cuidadosamente escolhido, sendo o mesmo, o suporte e a base da explicitação dos conteúdos abordados, para termos de comparação e reflexão. Pretendia-se que os alunos fossem capazes de alcançar os seguintes objetivos: **compreender o pensamento de Aristóteles; explicitar a importância da Cidade (polis) no seu pensamento; interpretar o homem como um ser naturalmente social; identificar na perspetiva política a relação com a ética.**

De uma forma mais detalhada, a aula teve os habituais três momentos: chamada e escrever do sumário por parte dos alunos (15min. aproximadamente); desenvolvimento da aula com a análise de um texto, que os alunos acompanham, colocando questões sempre que entendem, numa dinâmica em que eles desempenham um papel ativo, auxiliados na abordagem dos conteúdos pelos recursos selecionados; marcação do trabalho a realizar extra aula (15 min. Aproximadamente).

Numa primeira fase foram explicitados de forma breve os conteúdos abordados anteriormente e a sua ligação com esta subunidade. Após essa explicitação e consequente compreensão, ainda que em termos muito gerais do assunto em estudo, passamos à análise do texto escolhido, que tinha como finalidade mostrar como se chega à constituição de uma cidade, sendo ela de extrema importância no pensamento de Aristóteles, uma vez que a considera o fim último da disposição natural do homem, isto é, da sua disposição natural para ser um animal político e social. Contempla, também, uma ideia fundamental, que radica no facto de a cidade proporcionar aos indivíduos melhores condições e bem-estar. Por fim, remete para o que distingue os homens dos animais, evidenciando, neste ponto, o dom da fala, característica apenas e só dos primeiros; e ainda a capacidade de pensamento moral, pensamento esse que apenas pertence à espécie humana. Rematando esta ideia, com a evidência de que todos os homens estão preenchidos de moralidade (nível individual), o Estado terá como objetivo último, projetar essa moralidade numa dimensão coletiva.

Os objetivos propostos passavam pela compreensão fundamental de que a natureza do homem nos leva a caracterizá-lo como um animal político e naturalmente disposto para a sociabilidade. O que conjuntamente com o papel da cidade, destacado por Aristóteles, leva o homem a fazer jus à sua natureza social e moral. Moralidade essa que é manifestada em todo o seu esplendor, quando o homem se organiza em comunidade – através do Estado – situando-se, desta forma, num plano coletivo e não meramente individual.

Devido ao meu projeto de intervenção, as estratégias adotadas passavam pela utilização e recurso ao texto na abordagem dos conteúdos. No entanto, ao contrário do que tem sucedido noutras aulas, a análise ao texto foi feita pelos alunos, em grupo. Após a análise do texto, os alunos recolheram a informação que consideraram pertinente. Por fim, fez-se uma síntese de toda a informação que destacaram. A ideia passou por levar os alunos a uma autonomia de pensamento, de empenho e de rigor e perceber, a partir daí, se são capazes de o fazer ou não.

3.1.6. Análise da décima quarta aula

Nesta aula, dando início à unidade **4 – Temas/Problemas do mundo contemporâneo** deu-se início a um projeto de investigação filosófica sobre um tema do mundo atual, projeto esse que passou por diversas fases até chegar ao produto final. A aula foi antecipadamente e cuidadosamente preparada, tendo em conta a turma

em que foi lecionada. Posto isto, a aula contemplou uma explicação prévia sobre alguns recursos tecnológicos, que os alunos passariam a utilizar, de forma a guardarem toda a pesquisa que seleccionassem, assim como todas as fases da investigação que deveriam percorrer. Tudo seria registado em formato digital procurando-se que os alunos **adquirissem hábitos de estudo e de trabalho colaborativo e cooperativo; fossem capazes de utilizar criteriosamente as fontes de informação que tivessem ao dispor; soubessem promover a integração de saberes (perspetiva interdisciplinar) e desenvolver a capacidade de problematização.**

De uma forma mais detalhada, a aula teve 3 momentos estritamente definidos. Num primeiro momento fez-se a chamada e os alunos escreveram o sumário (15min. aproximadamente). Num segundo momento (desenvolvimento da aula) seguiu-se o início da atividade, tentando que os recursos a que se atendeu auxiliassem os alunos na abordagem dos conteúdos seleccionados. O último e terceiro momento da aula (15min. aproximadamente) foi reservado para a marcação do trabalho a realizar extra aula.

Nesta aula em particular seguimos Muñoz & Segura quando afirmam que

“Durante el transcurso de una WebQuest, los estudiantes desarrollan la capacidade para el análisis y la síntesis a través acciones que son definidas como promotoras de la competencia para el análisis y la síntesis (...)” (Muñoz & Segura, 2006: 7)

Podemos dizer que uma WebQuest é um processo de aprendizagem, vinculado a uma metodologia de pesquisa que se preocupa, fundamentalmente, com o desenvolvimento de métodos de trabalho rigorosos e do pensamento crítico dos alunos. Toda ela é organizada com um objetivo específico. Pode ser utilizada para este tipo de trabalhos, como também o pode ser numa aula normal. A sua natureza será sempre a mesma, isto é, tem um conjunto de elementos, preparados pelo respetivo professor que servem de auxílio à aprendizagem dos alunos e à própria investigação a levar a cabo pelos mesmos. Segundo Dogde (1995) “aprendizagens significativas são resultados de atos de cooperação, as WQs estão baseadas na convicção de que aprendemos mais e melhor com os outros do que sozinhos.”

O objetivo da introdução da WebQuest passa um pouco pela desmistificação de algo que parece ser uma certeza para muitos – a incompatibilidade da Filosofia com a tecnologia. Como pude referir momentos antes, a WebQuest tem um papel importante no desenvolvimento do pensamento crítico. Esse desenvolvimento, também ele é a essência do trabalho filosófico. Posto isto, parece-me que o caminho entre ambas as realidades converge: “Trabalhar de forma lúdica, dinâmica e atrativa, torna o conteúdo e as aulas muito mais interessantes tanto para os alunos, quanto para os educadores” (Silva & Ferrari, 2009: 1). Ora, isto é algo importante que não podemos esquecer. Quando os nossos alunos apelidam a Filosofia de “seca”, de “desinteressante”, as estratégias a utilizar devem ser realmente dinâmicas e atrativas. No entanto, dá trabalho e requer alguns

conhecimentos na área tecnológica, que nem todos os professores possuem, pois como sabemos, a formação tecnológica para professores, está parada.

A tecnologia proporciona-nos uma viagem por um mundo cheio de recursos inovadores e interessantes, que nos podem ajudar a melhorar as nossas metodologias de ensino e em última análise a aprendizagem dos alunos que, essa sim, é a nossa prioridade. Neste caso específico, o programa de Filosofia contempla um trabalho de grupo sobre um problema do mundo atual, reconhecendo, quanto a mim, a importância do trabalho colaborativo, que “permite a troca e a aquisição de novos conhecimentos, permite uma aprendizagem muito mais significativa e interessante” (Silva & Ferrari: 2009:2).

Nesta unidade temática é proposto que os alunos iniciem e desenvolvam um trabalho de investigação. A abordagem aos temas e a investigação em si pode ser feita de múltiplas formas. Neste caso concreto será usado um recurso tecnológico para esse mesmo efeito, onde os alunos poderão registar todos os passos do projeto de investigação e onde também poderão encontrar toda a informação necessária para o desenvolvimento do mesmo. Esse recurso permite, ainda, uma interação real e próxima entre todos os elementos do respetivo grupo de trabalho e a professora.



Depois de se organizarem em grupo e se distribuírem por cada computador, os alunos darão início à atividade. Para isso, terão de compreender algumas funcionalidades do recurso a utilizar. Os alunos irão trabalhar a partir de uma WebQuest. Uma WebQuest é uma página web constituída por várias fases que correspondem a diversos momentos do projeto. Num

segundo momento e depois de entrarem na WebQuest poderão encontrar todas as informações necessárias para a compreensão do que será pedido. Nesta aula específica os alunos terão de clicar em **Tarefa** e encontrarão o que é efetivamente pedido.



Nomeadamente, numa primeira fase terão de escolher um tema de uma série de temas à disposição, após essa escolha devem refletir sobre as diversas fases da investigação assim como organizar essas ideias e definir um plano de trabalho. Para além das indicações sobre a tarefa a levar a cabo pelos alunos, é visível algum apoio no desenvolvimento do trabalho. Nomeadamente o relativo à importância de anotarem o que forem fazendo e à pertinência de elaborarem um bom plano de trabalho. Uma vez que se trata apenas e só de uma parte introdutória de tarefas, ainda há a indicação de que a atividade a realizar termina após a pesquisa

realizada e a elaboração de um plano de trabalho. Na página seguinte encontrarão toda a informação necessária para dar início à tarefa proposta.

Em **Metodologia e Temas**, os alunos poderão encontrar e ter acesso aos vários temas a explorar, assim como à metodologia exigida numa investigação desta natureza.

O que se pretende para esta aula, é que os alunos iniciem a investigação, após algumas considerações importantes. Para isso, em **Processo**, encontrarão a *Etapa 1*, que lhes mostrará todos os passos a realizar nesta aula. A tarefa consiste no seguinte: escolha do tema; definir o plano de trabalho: definição das várias fases do processo; pesquisar, a partir do Google, toda a informação que encontrarem sobre o tema a tratar; fazer a clivagem dessa informação, isto é, retirarem apenas aquilo que entendam ser importante e registar. Uma nota importante: todas as informações devem ser devidamente guardadas e introduzidas na WebQuest.



Por fim e após a seleção e organização de toda a informação, e elaborado o plano de trabalho com todas as fases do processo devidamente definidas, os alunos terão de inserir esse mesmo plano de trabalho na grelha

<https://sites.google.com/a/ffooda/ffooda/processo/etapa-2>

Preencher a seguinte tabela:

Nome	Tema	Plano	Pesquisas efetuadas	Pesquisas tratadas
Grupo 1:				
Joana	Futuro da Humanidade e as Máquinas			
Beatriz				
Diana Caetano				
Grupo 2:				
Ana Francisco	Famílias do século XXI			
Sara Fernandes		Plano 2		
Marta Clara				
Joana				

Imagem 5.

apresentada. A grelha contempla todos os grupos de trabalho; a cada grupo de trabalho correspondem várias áreas ainda por preencher. Esses espaços em branco serão preenchidos à medida que vão avançando na atividade e consoante as tarefas a realizar. O objetivo é fazer com que os alunos também participem da

construção da WebQuest e deste modo se familiarizem com ela. A sua utilidade verifica-se nesta atividade em concreto, mas também em outras que possam realizar-se. Neste caso específico, utilizou-se a WebQuest como recurso a um trabalho de grupo, mas pode perfeitamente ser utilizada numa aula dita normal, a propósito de uma matéria qualquer.

Devido ao meu projeto de intervenção, a estratégia que irei utilizar, para além do diálogo orientado e do debate, nesta aula específica, será uma WebQuest, isto é, no fundo, juntar o útil ao agradável: colocar um meio tão popular, como as tecnologias, ao serviço da própria aprendizagem e investigação, com o primordial objetivo de incentivar e motivar os alunos para a aprendizagem filosófica e para o trabalho colaborativo e cooperativo.

Os alunos terão de ser capazes de identificar e compreender a importância de um trabalho de investigação, identificando em que consiste, isto é, qual a sua natureza, bem como as suas vantagens e desvantagens. Terão de perceber a importância de um plano prévio para a organização dos conteúdos a investigar, assim como, a relevância de um trabalho de grupo, no que concerne ao trabalho colaborativo e cooperativo. De uma forma geral, pretende-se que os alunos percebam a importância da investigação filosófica e que é possível fazê-la de várias formas. Nesta caso específico, a utilização das tecnologias ao serviço da aprendizagem e da investigação filosófica. Pretende-se, ainda, que os alunos, pelo facto de usarem os meios tecnológicos, tão apelativos nas suas idades, se sintam mais predispostos para a investigação e para a obtenção de novos conhecimentos e saberes.

3.1.7 Avaliação da Intervenção

Ao longo do meu estágio profissional, abordei o tema A Ação Humana e os Valores, nomeadamente os subtemas: Intenção ética e norma moral; A dimensão pessoal e social da ética – o si mesmo, o outro e as instituições; A necessidade da fundamentação da moral – análise comparativa de duas perspetivas filosóficas e Ética, direito e Política. Ao longo das problemáticas abordadas contactamos com os autores Thomas Hobbes, John Locke, Aristóteles, John Rawls, Kant e John Stuart Mill.

Ora, todos somos dotados de convicções, estilos e formas diferentes de pensar. Quer sobre a educação e o ensino em geral, quer sobre a filosofia e o seu ensino em particular. O que pretendemos da educação e do ensino da filosofia não pode caracterizar-se pela sua incerteza. Em primeiro lugar deve-se tratar sempre como prioridade os alunos e a sua aprendizagem no verdadeiro sentido da palavra; em segundo lugar, termos a consciência de que os pressupostos e os alicerces onde assentam a educação, irão, com toda a certeza, influenciar de forma mais ou menos positiva, o ensino da filosofia. Muito devido à aprendizagem conseguida ao longo de todo o meu percurso académico, mas também pela herança cultural e política, que - sempre me tendo acompanhado - moldaram a forma como eu via e preparava as minhas aulas. Por isso, ir ao encontro dos pressupostos do programa de filosofia e da própria disciplina não era algo que tivesse de planear, pois, de alguma forma, esses pressupostos estão já enraizados em mim e de forma natural fazia com que os alunos os sentissem.

A minha preocupação foi sempre a aprendizagem dos alunos. E foi para que eles aprendessem que planeei e organizei as aulas. Tentei sempre privilegiar a diversidade, mas também o rigor, apelando sempre ao empenho e ao trabalho. Utilizei muitas vezes o texto como instrumento de trabalho, fiz uso das tecnologias numa ou outra situação e mesmo as estratégias, as formas de abordar as temáticas, também nem sempre

foram as mesmas. Obviamente nem sempre correu tudo de forma perfeita. Na aula nº onze (planificação inserida neste relatório) utilizei o recurso a um texto para abordar a teoria de Aristóteles, que o manual não contemplava. O que resolvi fazer foi dividir a turma por grupos, entregar-lhes o texto e pedir-lhes que o lessem e que numa folha branca, que eu mesma distribuí, apontassem as ideias chave do texto, para, em conjunto, numa segunda fase, podermos refletir e debater essas ideias. Os alunos não foram capazes de o fazer. Não conseguiram interpretar o texto e extrair nada dele, a aula acabou por não resultar. No entanto, deu para tirar algumas ilações. Isto é apenas um exemplo entre alguns outros.

Para além da lecionação das aulas, também tive papel ativo na avaliação pedagógica dos alunos. Elaborei dois testes sumativos (anexo IV) e respetivos descritores de correção - tendo como modelo o exame nacional de filosofia e respetivos descritores; participei ainda, na correção dos testes, que era feita em conjunto com a orientadora e a colega de estágio. No final do terceiro período, tive também a oportunidade de assistir à apresentação dos trabalhos de grupo e pude fazer perguntas a todos os grupos, para efeitos de avaliação, no que dizia respeito à componente oral.

4. Inquéritos

Uma vez que o estágio, para além das aulas a lecionar, ainda contém uma componente investigativa, achei prudente e importante a realização de dois inquéritos por questionário, na turma onde implementei o projeto de intervenção.

As tecnologias fazem parte da realidade atual, e hoje em dia têm um estatuto privilegiado, principalmente no seio da juventude. Através dos inquéritos por questionário, era meu objetivo compreender o que os alunos pensam acerca da realidade tecnológica, perceber que importância tem a tecnologia, quão fundamental é na aprendizagem e que papel tem a filosofia perante esta realidade – como disciplina cujo modo de proceder se centra na reflexão. A escolha de dois inquéritos, um no início da aplicação do projeto e outro no fim, não foi por acaso. A ideia seria sempre no final poder comparar os dois e compreender se houve alterações de respostas, de que forma o contacto com a filosofia mudou opiniões. O primeiro inquérito contém 6 perguntas e foi aplicado no dia 16 de janeiro de 2015, a um total de 23 alunos. O segundo inquérito foi aplicado no dia 27 de maio de 2015, exatamente aos mesmos alunos.

De forma a complementar o relatório e enriquecer a investigação, foi aplicado, também, um inquérito por questionário online a Professores de Filosofia do Secundário. O objetivo era compreender junto dos professores, como olham para a realidade tecnológica e o que pensam sobre como poderá a filosofia relacionar-se com esta realidade. Ao contrário do que foi previsto, apenas foi possível recolher uma amostra muito reduzida, mesmo

que tivessem estado online desde maio. Ainda assim, de forma a agradecer, também, a quem se disponibilizou para responder, farei algumas considerações sobre os resultados obtidos. A amostra tem um total de 10 inquiridos, sendo que 8 são do sexo feminino e 2 do sexo masculino. No que diz respeito aos anos de lecionação a grande maioria, mais concretamente 7 dos inquiridos tem menos de cinco anos de lecionação, 2 inquiridos têm entre dez e vinte anos de lecionação e apenas 1 tem mais de vinte anos de lecionação

Nas páginas seguintes, será possível visualizar a análise dos dados recolhidos assim como as conclusões finais desses mesmos dados. Uma vez que a amostra do inquérito aos professores é reduzida, não farei qualquer tipo de comparação dos resultados desse inquérito com os resultados dos inquéritos aos alunos. Os inquéritos também podem ser consultados e estão disponíveis nos anexos V e VI no que concerne aos inquéritos aplicados aos alunos, e no anexo VII o inquérito aplicado aos professores.

4.1. Inquéritos Realizados aos Alunos

4.1.1. Primeiro Inquérito

1. Considera ser indispensável o uso das tecnologias no nosso dia-a-dia? (escolha apenas-uma opção) Sim_____ Não_____

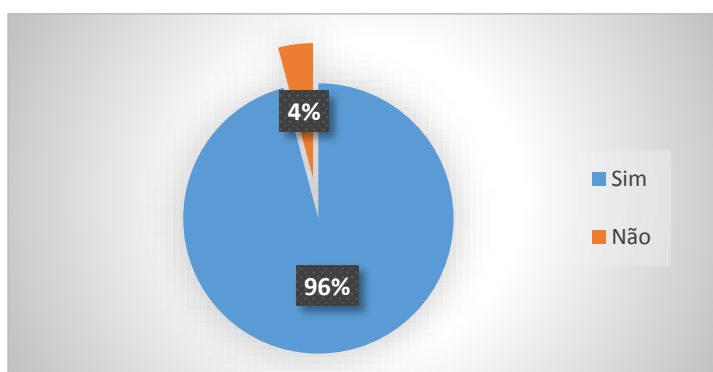


Gráfico 1

Na primeira questão pretende-se apurar a importância que as tecnologias e a consequente dependência das mesmas têm no dia-a-dia dos alunos. Podemos constatar que a esmagadora maioria considera o uso das tecnologias indispensável (96%) e apenas (4%) dos inquiridos considera que não. Dada a formulação da questão não é possível verificar em que situações específicas as tecnologias são mais ou menos indispensáveis.

2. E no processo ensino-aprendizagem? Considera igualmente indispensável o uso das tecnologias? (escolha apenas uma opção) Sim____ Não____

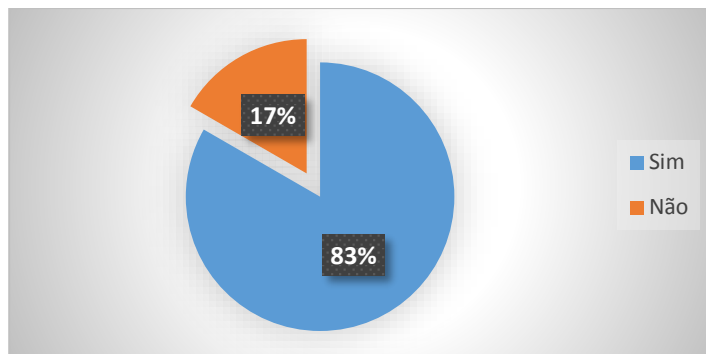


Gráfico 2

A segunda questão é mais específica, pretendendo averiguar até que ponto, no caso concreto do processo ensino-aprendizagem, o uso das tecnologias é ou não indispensável. É possível verificar uma ligeira diferença percentual nas respostas, relativamente à questão anterior. Ainda assim 83% dos inquiridos acha o uso das tecnologias indispensável e apenas 17% acha que não.

3. E a Filosofia? Reconhece a sua importância no contexto escolar em que se insere? (escolha apenas uma opção) Sim____ Não____

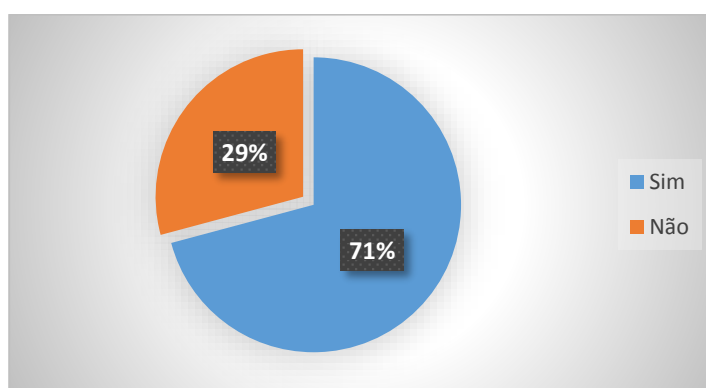


Gráfico 3

A terceira questão está especificamente ligada à nossa disciplina, pretendendo apurar qual a importância no contexto escolar em que os inquiridos estão inseridos. A questão é colocada de forma generalizada, não havendo margem para se reconhecer maior importância de umas temáticas em detrimento de outras. Ora, ainda assim, a importância da filosofia no contexto escolar evidenciado, é referida por 71% dos inquiridos e 29% considera não reconhecer essa mesma importância.

4. Considera viável a utilização das tecnologias no processo de ensino aprendizagem da Filosofia? (escolha apenas uma opção. Se a sua resposta foi Sim, justifique.) Sim____ Não____

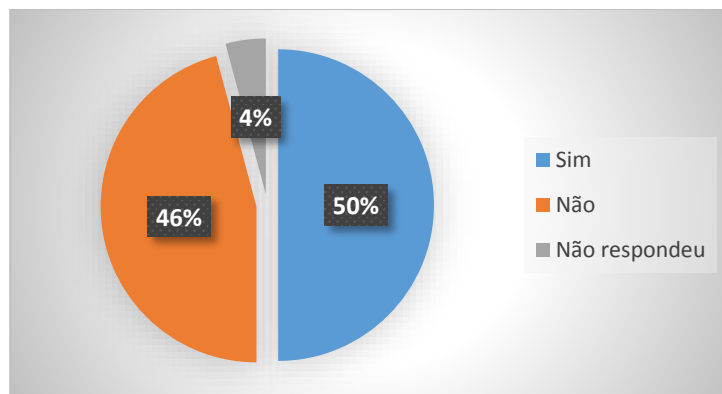


Gráfico 4

A quarta questão pretende compreender a possibilidade da utilização das tecnologias no processo ensino-aprendizagem da filosofia. No caso de a resposta ser afirmativa pede-se justificação para tentar compreender de que forma a utilização das tecnologias é imprescindível no processo ensino-aprendizagem da filosofia. Os valores são muito próximos, no entanto 50% dos inquiridos diz que sim, 46% diz que não e apenas 4% não respondeu. Na justificação dos 50% que responderam de forma positiva, encontramos as seguintes respostas:

- As tecnologias podem suscitar um maior interesse pela aprendizagem;
- Podem facilitar a compreensão da matéria;
- Os recursos que a tecnologia disponibiliza, ajudam na pesquisa da informação, no debate e partilha de ideias com outras pessoas, de qualquer parte do mundo;
- Hoje em dia, não se faz nada sem tecnologia.

Pelas respostas, pode-se observar, por um lado, o contributo que as tecnologias podem dar ao ensino da filosofia, quer na transmissão de conhecimentos, quer nos desafios que pode proporcionar aos alunos, bem como a evidente dependência do uso das tecnologias na totalidade do processo de ensino e aprendizagem.

5. Como preferiria que as aulas de Filosofia fossem lecionadas? (enumere por ordem de importância de 1 a 4, sendo que 1 é o nível inferior e o 4 o nível mais elevado.)

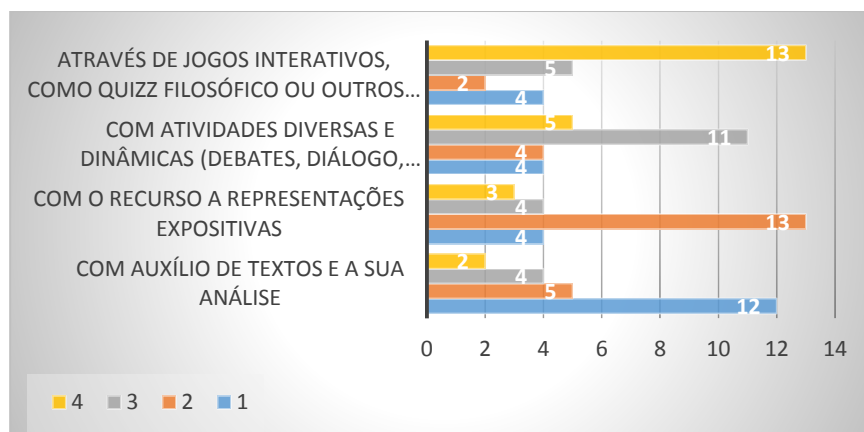


Gráfico 5

Nesta questão pretendia-se compreender como gostariam, os inquiridos, que as aulas de filosofia fossem lecionadas. A pergunta continha várias opções de escolha, sendo enumeradas pela ordem de importância. Posto isto, pode-se concluir que com o nível 4 (nível mais elevado) a opção *através de jogos interativos, como quizz filosófico ou outros recursos áudio visuais*, se destaca na preferência de 13 alunos dos 23 inquiridos. As opções *com auxílio de textos e a sua análise* e *com o recurso a representações expositivas*, são as menos pretendidas pelos inquiridos, correspondendo a primeira ao nível 1, obtendo um total de 12 alunos; a segunda enunciada e correspondente ao nível 2, num total de 13 alunos.

6. Na medida em que hoje mais que nunca a tecnologia está presente em toda a parte, considera que a filosofia deveria ter um papel reflexivo sobre esta nova realidade? (escolha uma das opções e justifique a sua resposta.) Sim____ Não____

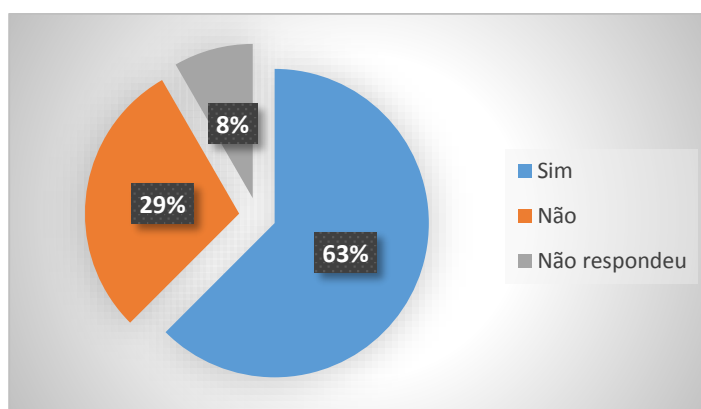


Gráfico 6

A sexta e última pergunta, pretende saber a opinião dos inquiridos sobre o papel da filosofia em relação à tecnologia. A questão é objetiva e direta, no entanto, seja qual for a resposta deverá ser justificada. Dos inquiridos, 8% não respondeu. Sendo que, dos restantes, 63% respondeu de forma positiva e apenas 29% respondeu que não. De entre as respostas, assinalam-se as seguintes:

- A filosofia reflete sobre todos os assuntos do quotidiano, por isso, sendo a tecnologia algo que pertence ao quotidiano, deve refletir sobre esta nova realidade;
- A tecnologia é importante, no entanto contém riscos. A filosofia deveria refletir sobre eles, ajudando a evitar possíveis problemas e/ou a solucioná-los.

As respostas anteriores referem-se aos alunos que responderam afirmativamente à questão apresentada. Os que responderam negativamente, as suas respostas enquadram-se na teoria de que a filosofia não precisa da tecnologia para nada.

4.1.2. Segundo Inquérito

1. Considera ser indispensável o uso das tecnologias no nosso dia-a-dia? (escolha apenas uma opção) Sim____
Não____

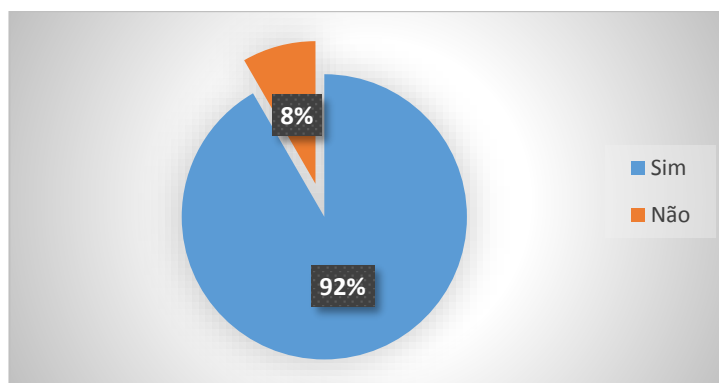


Gráfico 7

Na primeira questão pretende-se apurar a importância que as tecnologias têm no dia-a-dia dos alunos. Apesar do caráter generalista da questão é ainda possível compreender se os alunos têm uma postura dependente face a essas mesmas tecnologias. É visível que 92% dos inquiridos consideram o uso das tecnologias indispensável e apenas 8% considera que não.

2. E no processo ensino-aprendizagem? Considera igualmente indispensável o uso das tecnologias?
(escolha apenas uma opção) Sim____ Não____

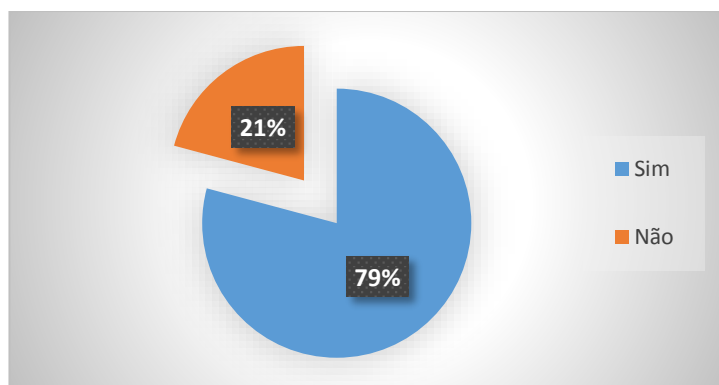


Gráfico 8

Com outro grau de especificidade, a segunda questão pretende averiguar o quão indispensável é ou não o uso das tecnologias no processo ensino-aprendizagem. Verifica-se uma ligeira diferença no que concerne à pergunta anterior. Ainda assim, 71% dos inquiridos consideram o seu uso indispensável e 29% considera dispensável.

3. E a Filosofia? Reconhece a sua importância no contexto escolar em que se insere? (escolha apenas uma opção) Sim____ Não____

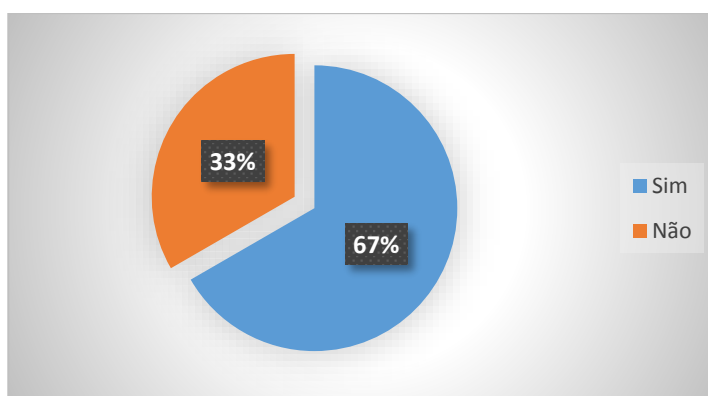


Gráfico 9

Especificamente direcionada para a disciplina de filosofia, a terceira questão pretende averiguar quão importante é a filosofia no contexto escolar em que os inquiridos se inserem. Não podendo saber de forma específica que temáticas serão mais importantes, dada a natureza generalista da questão, 67% dos inquiridos responderam de forma positiva quanto à sua importância e 33% respondeu não.

4. Considera que de alguma forma os paradigmas da Filosofia poderão estar em risco com o uso excessivo das tecnologias? (escolha apenas uma opção e justifique a sua escolha) Sim ____ Não ____

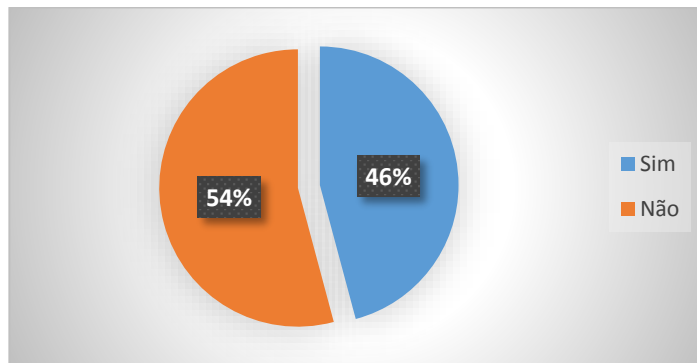


Gráfico 10

Nesta questão é solicitada a justificação da opção selecionada para uma melhor compreensão da mesma, assim como dos fatores que poderão estar na origem da escolha. É visível uma aproximação percentual das respostas. Sendo que, 54% dos inquiridos responderam que não e 46% respondeu sim. Das justificações encontradas, destacam-se as seguintes:

- Sim, Porque as tecnologias podem de alguma forma reprimir o pensamento próprio;
- Não, a filosofia e a tecnologia são independentes e distintas;
- Não, porque a filosofia tem por base o pensamento e esse nunca poderá ser substituído;
- Não, as tecnologias podem ajudar no desenvolvimento da própria filosofia, a não ser que o seu uso seja demasiado excessivo.

5. Considera viável a utilização da tecnologia no processo ensino-aprendizagem da filosofia? (escolha apenas uma opção. Se a sua resposta for SIM, justifique.) Sim ____ Não ____

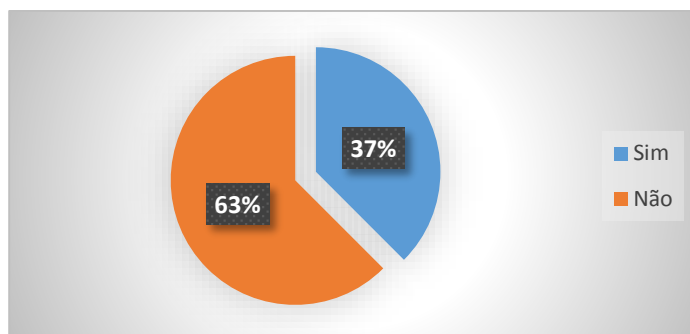


Gráfico 11

A quinta questão pretende apurar se existe ou não a possibilidade de utilização das tecnologias no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem da disciplina de filosofia. Do total dos inquiridos 63% respondeu não e 37% respondeu sim. No caso de responderem sim, teriam de justificar essa escolha. Posto isto, destacam-se as seguintes respostas:

- Pode ter um papel importante na motivação;
- Ajuda a compreender assuntos que sejam mais abstratos;
- Porque nos garante um número incalculável de informação, a que de outra forma não teríamos acesso.

6. Como preferiria que as aulas de filosofia fossem lecionadas? (enumere por ordem de importância de 1 a 4, sendo que 1 é o nível inferior e o 4 o nível mais elevado).

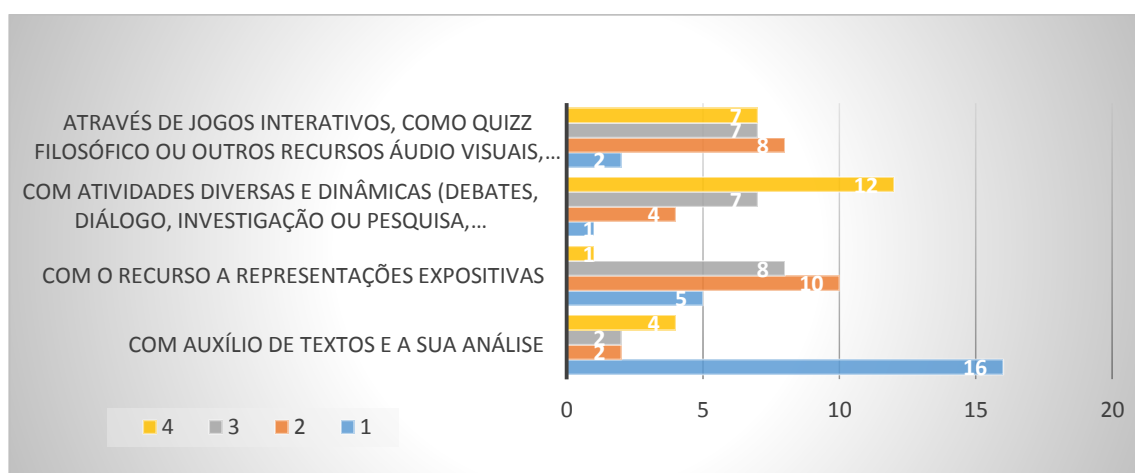


Gráfico 12

A pergunta continha várias opções de escolha, sendo enumeradas pela ordem de importância. De imediato se pode concluir que a opção *com auxílio de textos e a sua análise* se encontra nas menos preferidas pelos alunos, pois é avaliado com o (nível 1) por 16 dos inquiridos. Sendo que a opção que tem mais adeptos é *com atividades diversas e dinâmicas (debates, diálogo, investigação ou trabalhos em grupo)*, tendo sido avaliada com o (nível 4) por 12 inquiridos.

7. Na medida em que hoje, mais do que nunca a tecnologia está presente em toda a parte, considera que a filosofia deveria ter um papel reflexivo sobre esta nova realidade? (escolha apenas uma opção e justifique a sua escolha) Sim Não

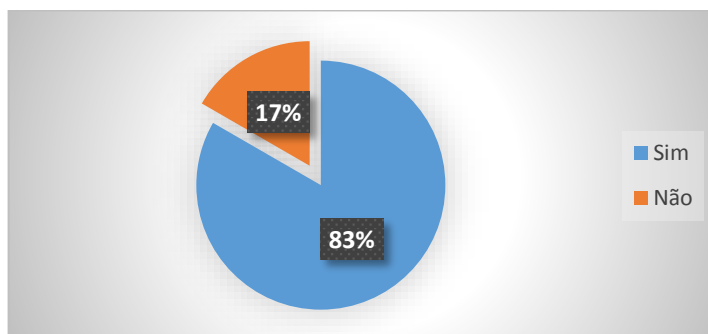


Gráfico 13

Face à questão, 83% dos inquiridos responderam que sim e apenas 17% respondeu que não. Para uma melhor compreensão dos motivos que levaram à escolha de uma das opções, são encontradas as seguintes respostas:

- Sim, seria importante a filosofia refletir sobre o porquê do ser humano estar dependente das tecnologias;
- Sim, é importante refletir sobre as consequências que poderão advir da utilização excessiva das tecnologias;
- Sim, a filosofia reflete sobre tudo, sobre a sociedade atual, por isso deve refletir sobre a tecnologia, que também faz parte da nossa realidade;
- Não, porque a filosofia deve preocupar-se com os assuntos mais relevantes que atualmente enfrentamos.

8. A imagem que tinha da disciplina de filosofia é a mesma que tem agora? (escolha apenas uma opção e justifique a sua escolha) Sim Não

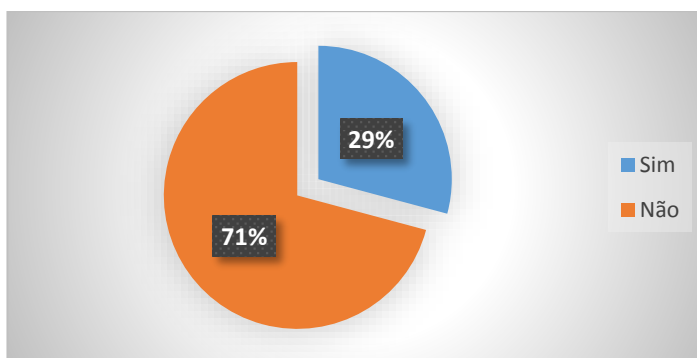


Gráfico 14

Na oitava questão pretende-se compreender até que ponto a opinião dos alunos sobre a disciplina de filosofia se alterou depois deste primeiro contacto com ela e em que medida se pode analisar essa mudança ou por outro lado a permanência da mesma opinião. Nesta questão, 71% dos inquiridos responderam não e 29% respondeu sim. Na ordem das justificações da escolha, destacam-se as seguintes:

- Sim, já sabia em que consistia pois revejo-me no seu propósito;
- Não, pensava que seria algo inalcançável, demasiado intelectual;
- Não, pensei que fosse mais interessante;
- Não, pensei que abordasse mais temas e esclarecesse as minhas dúvidas;
- Não, acreditava que era mais uma disciplina de mitologia ou história.

9. A disciplina de filosofia ajudou-o de alguma forma a compreender melhor as problemáticas do mundo atual? (escolha apenas uma opção e justifique a sua escolha) Sim___ Não___

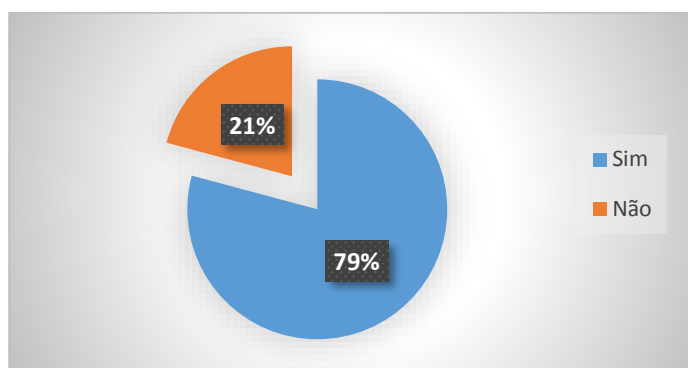


Gráfico 15

Na nona e última questão, pretende-se apurar se a filosofia teve ou não impacto na compreensão das problemáticas do mundo atual e de que forma a disciplina influenciou essa compreensão. A esta questão 79% respondeu que sim - a filosofia ajudou na compreensão das problemáticas do mundo atual – e 21% respondeu que não. Na ordem das justificações à opção selecionada, destacam-se as seguintes:

- Sim, porque refletimos e pensamos de forma séria sobre os problemas;
- Sim, porque dentro de uma mesma problemática encontramos diversas perspetivas;
- Sim, ajudou-me a desbloquear o meu pensamento formatado;
- Sim, porque ajudou a desenvolver o pensamento e a capacidade de reflexão;
- Não, antes de ter filosofia já compreendia os problemas do mundo atual.

4.1.3. Conclusão dos Inquéritos aos alunos

As tecnologias são uma realidade indispensável na vida dos nossos jovens. Eles mantêm uma relação de dependência extrema em relação às mesmas. Essa constatação é assumida por eles, logo na questão inicial do inquérito. A esmagadora maioria revela ser indispensável o uso das tecnologias no dia-a-dia. Mas antes de iniciar uma análise mais detalhada dos resultados, apenas duas notas gerais que me parecem importantes. Em primeiro lugar, a impressão que ressalta logo à vista é que pelas respostas que os alunos dão e consequentes justificações, nota-se que estavam pouco comprometidos com o rigor que as perguntas exigiam, salvo algumas exceções. Em segundo, é evidente que não estão muito esclarecidos sobre o que são as tecnologias, pois muitos referem-se a elas como sendo apenas a internet.

De uma forma mais detalhada, e olhando para os dois inquéritos implementados, são algumas as conclusões que podemos avançar. Como é possível verificar, algumas questões são comuns aos dois inquéritos e essas, ao nível das respostas, sofreram algumas alterações do primeiro para o segundo inquérito. Como já referi anteriormente, as tecnologias desempenham um papel muito importante na vida dos jovens e apesar de no segundo inquérito, em relação ao primeiro, ter havido uma ligeira descida percentual de respostas afirmativas, a verdade é que a grande maioria considera, também, que as tecnologias são indispensáveis no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem. Ora, ainda no mesmo contexto, mas direccionado mais para a disciplina de filosofia, numa primeira intervenção, os alunos não estavam totalmente seguros dessa possibilidade de conciliação entre as tecnologias e a filosofia, no entanto, no segundo inquérito mostraram-se mais esclarecidos. Entende-se esta diferença percentual, devido ao facto de os alunos terem um melhor conhecimento sobre a disciplina e por terem tido contacto com a filosofia, recorrendo ao uso diversificado das tecnologias. No que concerne a uma e outra, claramente as tecnologias ganham terreno em relação à filosofia. Os alunos estão muito mais direccionados, motivados para a realidade tecnológica do que para a realidade reflexiva da filosofia. E não é por acaso que no primeiro inquérito implementado, tenham colocado na ordem das suas preferências, no que diz respeito à leccionação das aulas, precisamente os recursos tecnológicos. Mas estes resultados podem ser interpretados, também, à luz do desconhecimento da disciplina ou até mesmo de um certo preconceito face à mesma por parte dos alunos; uma vez que, num segundo inquérito os dados se alteraram – não deixando, obviamente, os recursos tecnológicos, abaixo dos lugares cimeiros de preferências –, sendo que as atividades dinâmicas, como debates, atividades em grupo, etc., recolheram o maior número de votos, no que diz respeito ao nível mais elevado. Apesar de, como já referi anteriormente, os alunos terem maior afinidade com as tecnologias do que com a filosofia, não deixam de reconhecer a importância da filosofia no contexto escolar em que estão inseridos. Reconhecimento esse que se reflete, também, no papel que a filosofia deve ter em relação à realidade tecnológica. Um reconhecimento inequívoco, tendo uma percentagem de 63% de respostas afirmativas no primeiro inquérito, e 83% de respostas afirmativas no segundo. Posto isto,

os alunos entendem que a filosofia deve refletir sobre a tecnologia, na medida em que reflete sobre tudo o que nos rodeia.

Por fim, mas não menos importante, houve três questões que apenas surgiram no segundo inquérito dada a pertinência das mesmas e o facto de os alunos só estarem em condições de responder no final do ano letivo e após o contacto com a disciplina de filosofia. No que concerne à disciplina em si, a opinião dos alunos mudou após o contacto com a mesma. A ideia que tinham alterou-se em 71% dos inquiridos. Alguns ficaram desiludidos, mas a grande maioria confessa que ficou positivamente surpreendida. E para isso muito contribuiu a disciplina no esclarecimento e entendimento das problemáticas subjacentes ao mundo atual em que vivemos, pois 79% dos alunos afirmam a importância da filosofia na compreensão dessas mesmas temáticas. Mas, enquanto “filósofos”, os alunos devem sempre manter uma atitude crítica face aos problemas e ao mundo virtual e tecnológico. A forma como invadiu a vida de cada um, o domínio que exerce sobre a humanidade, não são questões menos importantes. E como os mesmos referiram, cabe à filosofia, também, refletir e dar resposta a estas inquietações. Na exigência e na ousadia da questão, as opiniões dividiram-se, com apenas 46% dos inquiridos a entenderem que a filosofia pode estar em risco neste mundo tecnológico desmedido, face aos 54% que entendem não haver risco nenhum. No entanto, esses 46% são muito significativos quando avaliados a partir das justificações que os acompanham, pois baseiam-se nas premissas do adquirido, do imediato, da condução para um pensamento formatado, opostas aos propósitos e fundamentos da filosofia. Nesse sentido, os paradigmas da filosofia poderão estar em risco com o uso desmedido das tecnologias.

4.2. Inquérito aos Professores

1. O ensino da Filosofia no ensino secundário está submetido ao mundo em rede atual? Sim ☐ Não ☐

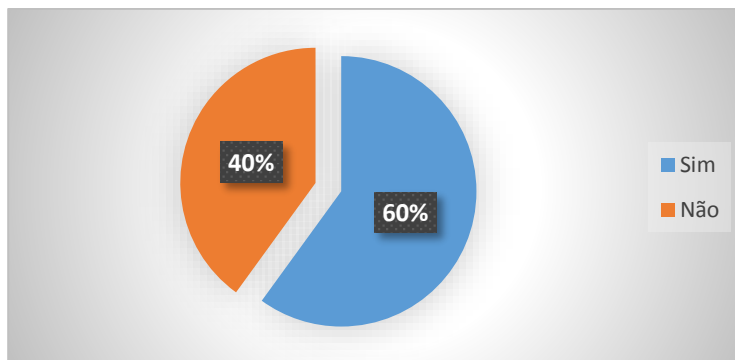


Gráfico 16

Na primeira questão, pretendia-se averiguar, se na opinião dos inquiridos, o ensino da filosofia está ou não submetido a esta nova realidade tecnológica. Posto isto, 60% dos professores consideram que sim e 40% considera que não.

2. O uso das tecnologias condiciona o trabalho do docente na sala de aula? Sim ☐ Não ☐

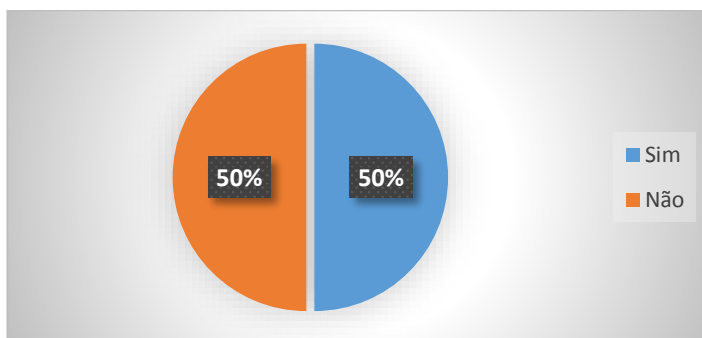


Gráfico 17

A segunda questão pretendia compreender até que ponto o uso das tecnologias na sala de aula dificulta o trabalho do docente. Nesta questão as opiniões dos inquiridos dividem-se. 50% dos professores acham que sim e 50% que não.

3. Este novo paradigma informativo e comunicativo obriga a repensar o modo de apresentar e de transmitir os conteúdos da aula de Filosofia? Sim ☐ Não ☐

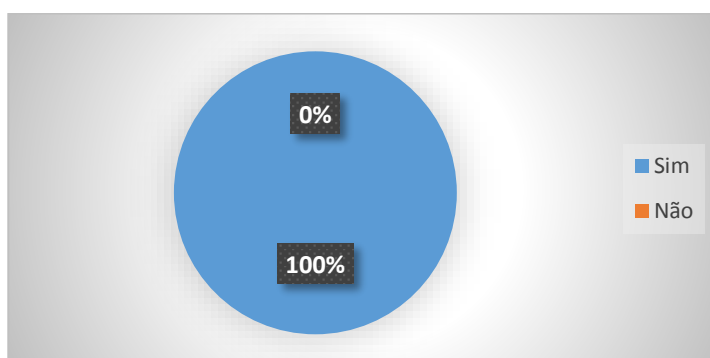


Gráfico 18

Na questão três, que diz respeito ao modo de transmitir e apresentar os conteúdos na sala de aula, parece não haver dúvidas. Todos os inquiridos de forma inequívoca, consideram que este novo paradigma informativo e comunicativo obriga a repensar a forma como as aulas são lecionadas e como os conteúdos são transmitidos.

4. É importante e urgente que o ensino da filosofia seja iniciado no 9º ano de escolaridade como disciplina integrante no curriculum? Sim ☐ Não ☐

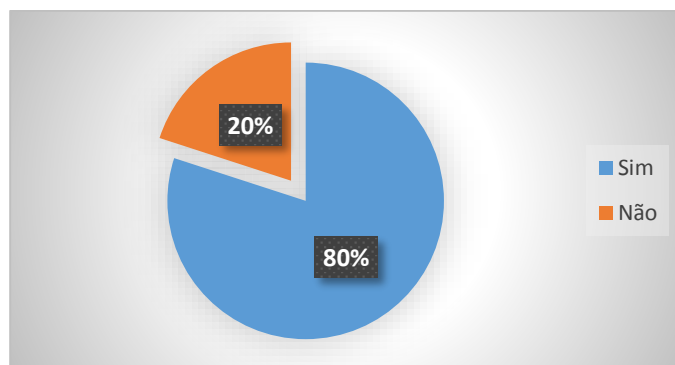


Gráfico 19

Na quarta questão, pretendia-se apurar se seria urgente e importante termos a filosofia no 9º ano de escolaridade, como disciplina integrante do curriculum. A esta questão 80% responderam que sim. Apenas 20% entende que não. Obviamente, dada a generalidade da pergunta não é possível saber os motivos que justificam a sua escolha.

5. Considera o uso da tecnologia, como recurso à aprendizagem filosófica, uma forma de tornar essa aprendizagem mais atrativa? Sim ☐ Não ☐

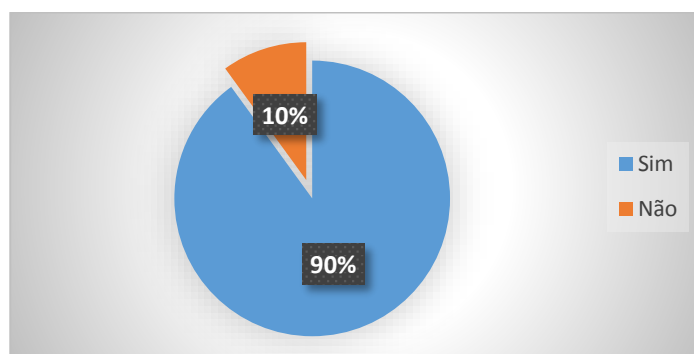


Gráfico 20

Na quinta questão pretendia-se compreender se, de alguma forma, o uso das tecnologias pode contribuir para uma maior motivação por parte dos alunos, tornando as aulas de filosofia mais atrativas. Como se pode observar pelo gráfico, 90% dos inquiridos consideram que sim. E apenas 10% considera que não.

6. Estará a filosofia, enquanto disciplina, em risco de desaparecer do curriculum? Sim ☐ Não ☐

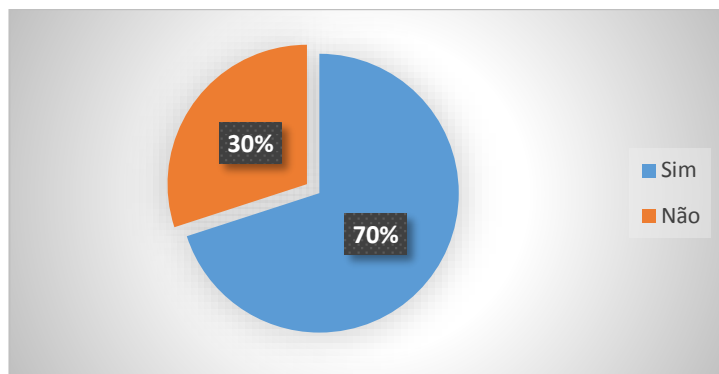


Gráfico 21

Na questão seis tentava-se compreender junto dos inquiridos se acham que a disciplina de filosofia corre o risco de desaparecer do curriculum. Mais uma vez, dado o caráter generalista da questão, não é possível sabermos quais os motivos por detrás da sua escolha. Ainda assim, 70% dos inquiridos entendem que sim e 30% que não.

7. Como explica o desinteresse dos alunos pela atividade Filosófica?

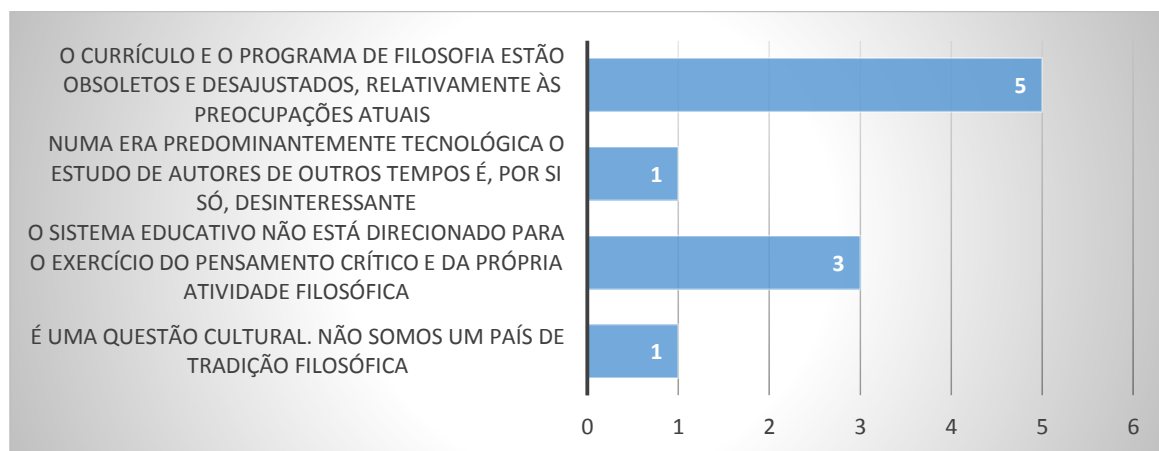


Gráfico 22

Na sétima questão pretende-se apurar que motivos levam os alunos a evidenciarem desinteresse pela atividade filosófica. Segundo os inquiridos, na opinião de 5 deles *o currículo e o programa de filosofia estão obsoletos e desajustados, relativamente às preocupações atuais*; Dos restantes 5, 3 entendem que *o sistema educativo não está direcionado para o exercício do pensamento crítico e da própria atividade filosófica*; e os outros 2 dividem-se entre as opções: *Uma questão cultural. Não somos um país de tradição filosófica*; *Numa era predominantemente tecnológica o estudo de autores de outros tempos é, por si só, desinteressante*.

4.2.1. Conclusão dos Inquiridos aos Professores

É importante referir, mais uma vez, que não foi possível obter uma amostra mais significativa em termos de análise. Na ordem da explicação a esse facto, existem várias razões. Desde logo a dificuldade em contactar os professores, ainda mais, em período de férias de verão e, também, o facto de um grande número não mostrar interesse em responder. Por isso, a presente análise apenas e só diz respeito a 10 inquiridos. Como já foi referido em relação aos alunos, os professores também se debatem, hoje, com a mesma realidade tecnológica. E, no meu entender, é uma realidade que se perspectiva difícil, pois muitos deles tiveram e têm de se habituar a ela, mesmo que um escalho número ainda continue a resistir-lhe.

De uma forma geral, e obviamente tendo por base a opinião dos 10 inquiridos, é evidente que estão esclarecidos e conscientes acerca da importância das tecnologias nos tempos atuais. E no que ao ensino diz respeito, especificamente ao ensino da filosofia, se por um lado alguns consideram que o uso das tecnologias pode condicionar o trabalho do docente – e obviamente em alguns casos condiciona – é também reconhecido o seu uso, por maior parte dos inquiridos, no sentido de tornar a aprendizagem filosófica mais atrativa.

Não é por acaso que existe um desinteresse por parte dos alunos em relação à filosofia. Por um lado, esta nova realidade tecnológica - que lhes proporciona experiências novas quase todos os dias e desafios verdadeiramente motivadores; por outro lado, o facto da disciplina de filosofia não conseguir assumir-se como fundamental. Por isso, esse desinteresse também pode ser entendido como um problema da própria disciplina. E nesse sentido, na opinião dos inquiridos, os motivos que predominam são o facto de o currículo e o programa de filosofia estarem obsoletos e desajustados; e o facto do próprio sistema educativo não estar direccionado para o exercício do pensamento crítico e da própria atividade filosófica – apesar de o sistema o proclamar.

Ora, posto isto, compreende-se o facto de 70% dos inquiridos entenderem que a continuidade da filosofia enquanto disciplina no curriculum pode estar em risco. Ao olharmos a realidade atual constatamos que precisamos é de mais filosofia e essa é também a opinião de 80% dos inquiridos.

Conclusão

Chegados a este ponto e após a finalização do trabalho, todos os objetivos propostos no Plano de Intervenção Pedagógica foram cumpridos. As preocupações iniciais, nem todas foram esclarecidas, mas não encaro isso como algo negativo, pois todos aqueles que lidam com a filosofia sabem que as questões não se esgotam, que as inquietações, essas existirão sempre, pois é disso que a própria filosofia se alimenta. No entanto foram diversas as conclusões tiradas ao longo deste processo, não só no que diz respeito a este relatório na sua vertente de investigação como também às vivências em sala de aula.

A filosofia e o seu ensino é um bem precioso que todos devem poder usufruir. Não só por aquilo que pode fornecer a quem contacta com ela, mas também por aquilo que nos faz ser depois desse contacto. Diria que a questão da utilidade da filosofia não deveria ser posta em causa. Pois ela faz parte da natureza do homem, pois como referiu Aristóteles, “todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer” (citado por Manso, 2012: 2). Mas o que parece ser uma certeza, nos dias de hoje, é o facto de a filosofia, ela mesma, nos seus fundamentos, se encontrar em crise. Talvez seja necessário olhar-se para dentro, isto é, analogamente, costuma-se dizer que vê melhor a ilha quem se encontra fora dela. Não tenho a pretensão nem a ousadia de com isto querer dizer que a filosofia está desatualizada, até porque isso seria impossível, apenas realçar que os tempos mudaram, que os paradigmas sociais também mudaram, que as prioridades da humanidade também não são as mesmas e a filosofia tem de acompanhar essas mudanças e essas transformações. E se não for da forma que fez até hoje terá de inventar outras, de compreender e responder aos problemas atuais. A realidade é que a filosofia tem sido posta de parte, tem havido um desprezo e falta de incentivo à sua aprendizagem. Os motivos, esses, são de natureza diversa. Talvez o que ressalte mais à vista seja a crise profunda existente na educação e no ensino vivida atualmente em Portugal.

Se nos concentrarmos agora nos nossos jovens, aqueles que se confrontam e que contactam com a disciplina de filosofia, infelizmente constatamos que muito poucos são aqueles que enraizam a sua herança. A maior parte, passa pela disciplina sem lhe reclamar uma única resposta, sem sentir, no seio da sua verdadeira conceção, um problema filosófico. Mas será isto culpa da filosofia, do que ela ensina ou do que ela é em si mesma? Não me parece. Mas talvez se deva reclamar com quem a ensina, com as práticas de ensino que a envolvem, com os programas que a limitam. Para complicar mais as coisas, temos a juventude dependente do mundo tecnológico e fascinada pelas inúmeras experiências que lhe oferece. É fácil compreender que se a filosofia não for capaz de lhes provocar verdadeiras experiências, desafios intensos, obviamente, na ideia deles, para nada servirá, pois para que possam reconhecer a sua importância e utilidade têm, antes de tudo, de senti-la e para que possam senti-la têm de estar motivados e predispostos ao que ela tem para lhes ensinar. Neste sentido, os professores de filosofia têm uma palavra a dizer, pois são eles que definem as suas práticas, as

suas pedagogias, que delimitam e recriam as suas didáticas. E isto, no meu entender, é o maior obstáculo na leção da filosofia. Um professor tem de olhar os seus alunos não de forma isolada nem descurados da realidade em que se inserem, mas sim como um todo e hoje, os alunos são influenciados pelo mundo em rede, pela tecnologia. Fazem parte dessa realidade. É neste sentido, de poder acompanhar os tempos e conseguir comunicar com os alunos, que o professor de filosofia deve repensar as suas práticas. No que diz respeito à leção da disciplina, parece-me que as tecnologias podem oferecer uma ajuda importante, quer na construção de materiais, de recursos diversos, quer na própria motivação dos alunos para o exercício do pensamento. Não obstante, não me parece uma tarefa fácil, os professores mudarem de repente as suas práticas e concepções, quando muitas delas estão bem enraizadas. É necessária a disponibilidade e a abertura dos professores por um lado, e por outro um investimento, por parte das entidades competentes, em formação na área das TIC.

Ora, de forma a complementar o estágio, a linha de investigação procurou compreender o impacto das tecnologias e a importância da filosofia no entendimento dos alunos e a sua possível conciliação. Aliando, ainda, a recolha de opiniões de alguns professores sobre a realidade tecnológica e a urgência de filosofia. Foi possível compreender junto dos alunos e dos professores algo em comum – as tecnologias existem e fazem parte da nossa realidade. Os alunos consideram indispensável o uso das tecnologias, mas consideram também a filosofia como algo importante, o que já é um começo, reconhecerem a sua utilidade é fundamental. Mas isso, por si só, é suficiente para os motivar e para que vivam e sintam verdadeiramente os problemas filosóficos? Parece-me que não e neste sentido, na opinião dos professores inquiridos, a solução pode passar pelo uso das tecnologias, pois consideram que as mesmas tornam a aprendizagem filosófica mais atrativa. E isso foi visível quando se utilizaram recursos como a WebQuest. Os alunos estavam motivados e em vez de termos um modelo direcionado para a instrução e para a transmissão de conhecimentos, tínhamos um modelo baseado na construção, na pesquisa, no trabalho de colaboração e cooperação. Todavia, apesar de achar que as tecnologias têm um papel importante no que se refere à didática da filosofia, não deixam de ter um lado perverso. Não podemos cair em atitudes tecnocráticas. Como foi possível verificar, caiu-se ao longo dos tempos, num uso excessivo e desajustado, no meu entender, do PowerPoint. Aquilo que seria um recurso, um simples guião de aula, tornou-se em caixas e caixas de texto para os alunos passarem e em casa decorarem. E no que a este ponto se refere e a tantos outros, a filosofia tem de estar atenta.

O que parece ser um ponto assente é que as tecnologias não se limitam à designação de meros instrumentos de comunicação. São muito mais que isso. “Hoje, a tecnologia não para de penetrar as nossas vidas, colocou-nos a viver um *novo mundo*, de tal modo que a expressão Sociedade da Informação passou a ter um uso corrente para identificar o novo tempo civilizacional” (Silva, 2001: 839). É disto que se trata, de um novo mundo, de uma nova realidade, de uma cultura modificada. E a filosofia não pode ser alheia a essa

realidade, pois faz parte integrante desta cultura modificada, onde temos a obrigação de continuar a duvidar, a ter um olhar crítico sobre o mundo em que vivemos, a tecnologia que temos, antecipando problemas e engendrando soluções para o homem que se encontra totalmente refém da tecnologia. Cabe à filosofia refletir sobre o mundo e o lugar do homem no seu seio, com mais ou menos tecnologia e é isso que deve continuar a fazer porque é essa natureza que a distingue dos restantes conhecimentos.

Bibliografia

- ALMEIDA, Maria Manuela B (Coord.), *Programa de Filosofia do 10º e 11º Anos – Cursos Científico - Humanísticos Cursos Tecnológicos*, Lisboa, Ministério da Educação Departamento do Ensino Secundário, 2001.
- ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, 4ª ed., trad. António Ramos Rosa, Lisboa, Vol. VI, 1992.
- ARISTÓTELES, *A Política*, trad. Mário da Gama Kury, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985.
- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, trad. António Caeiro, Lisboa, Quetzal, 2012.
- BERNABÉ, I. & ADELL, J., *El Modelo WebQuest como estrategia de desarrollo de competencias en el EEES*, Departamento de Educación, Universitat Jaume I, 2006.
- BOAVIDA, João, “Do ensino da filosofia à filosofia da educação”, in. A. D. Carvalho (org), *Diversidade e Identidade, Actas da 1º Conferência Internacional de Filosofia da Educação*, Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000.
- BOAVIDA, João, *Educação Filosófica: Sete Ensaios*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
- CANTISTA, Maria José, “Filosofia Hoje: Porquê e Para quê?”, in. Adelino Cardoso (coord.), *A Filosofia Face à Cultura Tecnológica*, Instituto de Estudos Filosóficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.
- CIFUENTES, Luis Maria, “O professor de Filosofia na nova sociedade. Os dilemas da identidade profissional do professor de Filosofia”, in Maria L. R. Ferreira (coord.), *Ensinar e Aprender Filosofia Num Mundo em Rede*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012.
- DESCARTES, René, *Princípios da Filosofia*, Porto, trad. Isabel Macedo e Teresa Marcelino, Porto editora, 1995.

- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro, “Filosofia e Currículo”, in Adelino Cardoso (coord.), *A Filosofia Face à Cultura Tecnológica*, Instituto de Estudos Filosóficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.
- FEUBACH; Ludwing, *Necessidade de uma reforma da Filosofia*, trad. Artur Morão, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2008.
- GIROTTI, Alejandro, “Didática da filosofia ou didática filosófica? Da teoria à Práxis”, in Maria L. R. Ferreira (coord.), *Ensinar e Aprender Filosofia Num Mundo em Rede*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012.
- GONÇALVES, Joaquim Cerqueira, “Filosofia e instituições do saber”, in Adelino Cardoso (coord.), *A Filosofia Face à Cultura Tecnológica*, Instituto de Estudos Filosóficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.
- MANSO, Artur, “Leonardo Coimbra. Da Filosofia e do seu Ensino”, *Nova Águia – Revista de Cultura para o Século XXI*, nº10 – 2º semestre, 2012a.
- MANSO, Artur, “Da utilidade das coisas inúteis ou porque se deve ensinar filosofia no ensino secundário”, Iº Colóquio Filosofia e Ensino da Filosofia. Tradição e Desafios para o Futuro, UMinho – IE, Braga, 2012b. <http://hdl.handle.net/1822/30596>
- MOURA, José Barata, “Em torno da expulsão da Filosofia e da ‘Filosofia’ da expulsão”, in Adelino Cardoso (coord.), *A Filosofia Face à Cultura Tecnológica*, Instituto de Estudos Filosóficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira, “Reflexões sobre o valor formativo do Ensino da Filosofia”, *Philosophica*, 6, 1995.
- PISSARA, Mário, “O ensino da Filosofia Numa Sociedade tecnocientífica e Tecnocrata”, in Adelino Cardoso (coord.), *A Filosofia Face à Cultura Tecnológica*, Instituto de Estudos Filosóficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.
- RUAS, Paulo, *Diálogos de Filosofia – 10º ano*, vol I (livro do professor), Lisboa, Texto ed., 2013.

SILVA, Bento, “A tecnologia é uma estratégia”, In Paulo Dias & Varela de Freitas (org.), *Actas da II Conferência Internacional Desafios 2001*, Braga, Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, 2001.

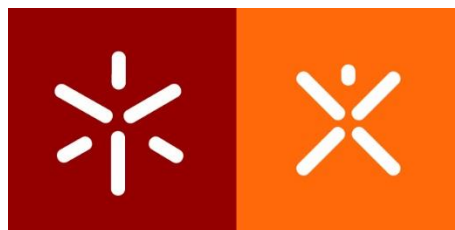
SILVA, F. & FERRARI, H., “A WebQuest como Atividade Didática Potencializadora Da Educação”, *Novas Tecnologias da Educação*, vol. 7, nº 1, 2009.

SOVERAL, Eduardo Abranches de, “O Papel da Filosofia Numa Sociedade Aberta e em Desenvolvimento”, *Revista da Faculdade de Letras*, série de Filosofia (segunda série), v. 8, 1991.

VICENTE, Joaquim Neves, “Subsídios Para Uma Didáctica da Filosofia – A propósito de algumas iniciativas recentes para a constituição de uma didáctica específica da Filosofia”, *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 6, 1994.

ANEXOS

Anexo I



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada
Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário

Que lugar para o Ensino da Filosofia na era da tecnologia e globalização?

Mestranda: Carina Fonseca

Supervisor: Professor Artur Manso

Orientadora Cooperante: Professora Adelaide Oliveira

Local: Agrupamento de Escolas de Maximinos

Braga,
Dezembro de 2014

I. Enquadramento Teórico

Introdução

O trabalho aqui apresentado, com o nome de “ Que lugar para o Ensino da Filosofia na era da tecnologia e globalização?”, diz respeito ao projeto de intervenção pedagógica supervisionada, parte integrante do estágio profissional do Mestrado de Ensino da Filosofia no Ensino Secundário, que irá decorrer no Agrupamento de Escolas de Maximinos. A sua execução será efectuada nas turmas onde leccionarei no âmbito do estágio, sendo elas os 10º anos 1 e 2, do curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias, no ano lectivo de 2014/2015.

1. Apresentação do tema, exposição dos objetivos do projeto e enquadramento teórico:

O tema que escolhi tratar no meu estágio foi *Que lugar para o Ensino da Filosofia na era da tecnologia e globalização?* Antes de referenciar os objetivos do projeto, gostaria de salientar os motivos que me levaram a escolher este tema e este título.

O tema foi escolhido de acordo com uma preocupação muito pessoal e pelo facto, complementar a essa preocupação, de verificar uma certa decadência no ensino em geral e num desprezo abusivo e propositado à Filosofia. «a educação não é o que muitos apregoam que ela é» (Platão:1949:322) E, ainda, porque é uma convicção minha, que a Filosofia tem um papel fundamental na formação dos nossos jovens, que pode eliminar a cegueira e a escuridão (da caverna de Platão), e sendo ela a que melhor pode fornecer os instrumentos para que se possa viver em sociedade de forma consciente e ativa, acho mais do que necessário, muito também pelo contexto educativo, ilustrado num tom cinzento em que vivemos atualmente em Portugal, pertinente refletir e fazer uma análise séria se a Filosofia que hoje vigora nas nossas escolas consegue dar resposta às exigências de uma sociedade que deve ser democrática, instruída e crítica. Por isto, mas também pelo contributo que pode dar a outras áreas, sendo considerada uma área transversal, «o que nas ciências se funda na razão depende da filosofia» (Hegel:1989:16), a Filosofia é cada vez mais crucial no combate a uma demagogia imposta, que faz questão de desvalorizar a pessoa e o indivíduo, e ao que Paulo Freire designa de “conceção bancária” da própria educação.

A par disto, temos uma sociedade prisioneira às tecnologias, onde o que impera é um mundo virtual. As relações interpessoais não são mais físicas, os espaços de conversas e debates, também esses se alteraram. Um processo de socialização completamente modificado e alienado do seu propósito primordial. A pergunta

fundamental é: numa era em que precisamos tanto de Filosofia como enquadrá-la neste cenário? Como integrá-la no seio de uma juventude que caracteriza a Filosofia de estranha, de arcaica, de não servir para nada no dia-a-dia e onde o conceito de utilidade serve apenas a dimensão tecnológica? «A ação do professor, especialmente nesses contextos, tem hoje uma importância acrescida, porquanto vivemos numa sociedade não só substancialmente diferente daquilo que era há umas décadas atrás, mas sobretudo marcada pelo desenvolvimento científico e tecnológico sem par (...)» (Costa:2013) A Filosofia corre um sério risco de desaparecer das escolas como aconteceu com o Latim, por exemplo, e que toda a gente apelidou de língua morta e por isso nada tinha a dar à educação dos nossos jovens. E quanto a isto, muito teria a dizer, mas não é esse o propósito deste projeto.

Posto isto, tracei para este projeto os seguintes objetivos:

1.- Perceber a importância de uma propedêutica filosófica antes do secundário.

1.1- Porque é que a Filosofia só se ensina no secundário?

1.2- Que lugar ocupa nos currículos atualmente?

1.3- A sua especificidade permite ou não ser ensinada em idades menores?

2- Avaliar o papel da Filosofia no seio de uma juventude predominantemente tecnológica:

2.1- A importância do contato com as obras: aspetos positivos e negativos do uso da tecnologia.

2.2 - A filosofia como meio de compreensão do fenómeno e do próprio conceito tecnologia.

2.3 – A utilização da própria tecnologia ao serviço da Filosofia: os recursos tecnológicos como ferramentas ao serviço da pedagogia.

2- Contexto de intervenção- a AEMaximinos e as turmas 10º 1 e 2

Dada a importância de se conhecer o sítio onde trabalhamos, é fundamental caracterizar a escola onde irei implementar o meu projeto de intervenção. O Agrupamento de Escolas de Maximinos (cód 150721), com sede na Escola Secundária de Maximinos, tem como área de influência pedagógica a correspondente às freguesias de Maximinos, Ferreiros, Gondizalves e Semelhe, no concelho de Braga. A 1 de Agosto de 2010, por decisão da tutela, foi criado o Agrupamento de Escolas de Maximinos, resultante da fusão entre a Escola Secundária de Maximinos e o Agrupamento de Escolas Oeste da Colina. Este agrupamento tem como ambição estratégica a sua consolidação como uma instituição de referência ao nível educativo e formativo, partindo do lema “Do conhecimento à cidadania ativa”, com vista à concretização da grande missão da escola em geral -

construir o sucesso escolar para todos. A escola abrange um projeto designado de projeto Freix, que se estende a todo o agrupamento. Esse projeto é um plano de melhoria, que define metas, eixos e ações que orientam a atividade durante todo o ano letivo. Os planos de turma do 10º 1 e 2 são construídos tendo em conta esse projeto.

As turmas que me foram atribuídas são do 10º ano e são do curso de ciências e tecnologias. A turma 1 é constituída por 28 alunos, 15 (54%) rapazes e 13 (46%) raparigas. A 15 de Setembro, 7 alunos (25%) tinham 14 anos; 18 alunos (64%) tinham 15 anos e 3 alunos (15%) têm 16 anos. Todos os alunos têm nacionalidade portuguesa. Todos eles se deslocam sem dificuldade para a escola e 7 alunos têm problemas de visão. Uma grande parte da turma é adepta e praticante de desporto. Nas suas preferências estão as aulas experimentais e os trabalhos de grupo. 27 alunos gostam da escola e 21 gostam de estudar. As expectativas são elevadas, sendo que 25 alunos pretendem seguir o ensino superior, áreas como medicina e outras áreas da saúde, no entanto em conselho de turma foi dito que não estudam o suficiente para atingir estes objetivos. Alguns alunos têm dificuldades em concentrarem-se e falam muito durante as aulas, não sabendo participar de forma democrática.). No índice de repetência com 1 retenção encontram-se 4 alunos. A turma 2 é constituída por 23 alunos, 14 rapazes (64%) e 8 raparigas (36%). Uma aluna foi transferida. A 15 de Setembro, 5 alunos tinham 14 anos; 14 alunos tinham 15 anos; 3 alunos tinham 16 anos. 21 alunos, têm nacionalidade portuguesa, um aluno tem dupla nacionalidade (canadiana e portuguesa) , outro aluno tem nacionalidade romena e ainda, outro viveu durante algum tempo em Espanha. Todos os alunos se deslocam sem dificuldade para a escola, a nível de saúde, 5 alunos com dificuldades visuais e um aluno com dificuldades auditivas e com cardiopatia congénita. Sobre as preferências em atividades escolares, a maioria prefere as aulas experimentais e os trabalhos de grupo sendo as fichas de trabalho o que se encontra em último das preferências. Em relação ao futuro e com a exceção de 3 alunos, todos pretendem seguir para o ensino superior, no entanto (64%) dos alunos diz não saber que área pretende seguir. Uma vez que já assisti a algumas aulas, posso acrescentar ainda que a turma 1 aparentemente são mais capazes, no entanto são extremamente infantis e falam demasiado nas aulas, o que acaba por prejudicar na aprendizagem. A turma 2 apesar de ser menos dotada é muito empenhada, muito bem comportada. No índice de repetência encontram-se 5 alunos com 1 retenção.

II- Estratégias de intervenção

1- Questões de investigação, Estratégias e Instrumentos para recolha de informação:

Que lugar para a filosofia na era da tecnologia e globalização? Para responder a esta questão a estratégia de investigação que irei adotar é a investigação-ação, uma vez que estarei em contato direto com a turma, em sala de aula. O meu papel enquanto professora será perceber qual o lugar que a filosofia ocupa nas escolas e no ensino nos dias de hoje e entender a problemática da tecnologia, podendo usá-la como recurso ou instrumento alternativo no processo ensino-aprendizagem. Pretendo ainda, com isto, estimular e aproximar os alunos do estudo e da investigação filosófica.

Estratégias que irei privilegiar:

- a) **Observação** (primeiramente farei reflexões sérias se a aprendizagem está a ser bem sucedida e depois na maioria das aulas irei introduzir um recurso tecnológico sobre a matéria dada para perceber se influencia não só na sua motivação como também na própria compreensão da matéria dada.)
- b) **Grelhas de observação** (as informações obtidas na alinha a) serão devidamente registadas cada vez que puser em prática o meu projeto e serão anexadas ao meu portefólio)
- c) **Dois inquéritos por questionário** (farei um inquérito na fase inicial da implementação do projeto para fazer um ponto da situação do próprio processo ensino-aprendizagem e um inquérito no fim para fazer uma análise profunda sobre a evolução do processo.)
- d) **Fichas de trabalho interativas** (utilizarei fichas de trabalho interativas de forma a promover, por um lado a criatividade, por outro um interesse maior pelo estudo da filosofia e obtenção de conhecimentos.)

2- Fases do desenvolvimento do projeto e respetiva calendarização

O estágio profissional passa por três **fases de desenvolvimento**:

- **Fase de observação:** Comecei a assistir às aulas no dia **30 de Outubro de 2014**. Desde esse dia, tenho vindo a planificar todas as aulas assistidas, a pedido da orientadora, com os vários momentos da aula, o sumário, os recursos utilizados e a consequente reflexão pessoal da aula.
- **Fase de implementação:** decorrerá a partir do mês de Janeiro e terminará durante o mês de Maio. Nesta fase porei em prática o meu projeto de intervenção.
- **Fase de Avaliação:** irá decorrer durante o mês de Junho, onde farei uma reflexão de todo o trabalho feito até aqui e de todo o material recolhido (reflexões pessoais, análise da amostra dos inquéritos e restantes materiais); preparação do relatório final.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, M. M. (Coord.) (2001). Programa de Filosofia. 10º e 11º anos. Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.
- COSTA, Fernando (2008). *A Utilização das TIC em Contexto Educativo. Representações e Práticas de Professores*, (tese de doutoramento), Universidade de Lisboa-Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Disponível em: <http://aprendercom.org/comtic/wpcontent/uploads/2013/01/TeseCostaF2008TICemContextoEducativo.pdf> Consultado a 28 de Novembro
- FREIRE, Paulo (2003). *Pedagogia do Oprimido*, 36ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HEGEL, Friedrich (1989). *Propedêutica Filosófica*. Lisboa: Edições 70
- IGEC (Inspeção Geral da Educação e Ciência) (2010) “Avaliação Externa das Escolas. Relatório de Escola Secundária de Maximinos, Braga.” Disponível em http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2010_DRN/AEE_10_ES_Maximinos_R.pdf Consultado a 25 de Novembro de 2014.
- PACHECO, José A. (2008). Estrutura Curricular do Sistema Educativo Português. In J. A. Pacheco (Org.), *Organização Curricular Portuguesa* (pp. 11-52). Porto: Porto Editora.
- PLATÃO (1993). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RUAS, Paulo (2013). *Diálogos de Filosofia - vol.1*. 10º ano. Lisboa. Texto Lda.
- Pacheco, José A. (2008). Estrutura Curricular do Sistema Educativo Português. In J. A. Pacheco (Org.), *Organização Curricular Portuguesa* (pp. 11-52). Porto: Porto Editora.

O supervisor,
Artur Manuel Sarmento Manso.

A mestrandia,
Carina Estefânia da Silva Fonseca.

1. Leitura e análise do seguinte texto:

“Vemos que toda a cidade é uma espécie de comunidade, e toda a comunidade se forma com vista a algum bem, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vista ao que lhes parece um bem; se todas as comunidades visão a algum bem, é evidente que o mais importante de todas elas e que inclui todas as outras tem mais que todas este objetivo e visa o mais importante de todos os bens; ela se chama cidade e é a comunidade política. (...) A comunidade constituída a partir de vários povoados é a cidade definitiva, após atingir o ponto de uma auto-suficiência praticamente completa; assim, ao mesmo tempo que já tem condições para assegurar a vida de seus membros, ela passa a existir também para lhes proporcionar uma vida melhor. Toda a cidade, portanto, existe naturalmente, da mesma forma que as primeiras comunidades; (...)”

Estas considerações deixam claro que a cidade é uma criação natural, e que o homem é por natureza um animal social, e um homem que por natureza, e não por mero acidente, não fizesse parte de cidade alguma, seria desprezível ou estaria acima da humanidade (como o “sem clã, sem leis, sem lar” de que Homero fala com escárnio, pois ao mesmo tempo ele é ávido de combates), e se poderia compará-lo a uma peça isolada do jogo de gamão. Agora é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social. Como costumamos dizer, a natureza nada faz sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala. (...) A fala tem a finalidade de indicar o conveniente e o nocivo, e portanto também o justo e o injusto; a característica específica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade.”

Aristóteles, *Política*. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília,
Editora Universidade de Brasília, c1985.

2. Proposta de Trabalho:

Após a leitura do texto, em grupo, escrever numa folha em branco as principais ideias retiradas do texto.

Anexo III

Grelha de Observação e Avaliação

Atividade WebQuest	
Grupo: _____	Tema: _____
Duração: 90 minutos	Turma: 10º1
Data: _____	
Tarefa 1	
Tarefa 2	
Tarefa 3	
Tarefa 4	

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE					
	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom	Excelente
Cumprimento da atividade proposta					
Organização da informação recolhida					
Capacidade de síntese					
Autonomia e capacidade crítica					
Domínio dos recursos utilizados					

Grupo I

*Este grupo é constituído por 20 questões de escolha múltipla. Apenas **uma** das alternativas está correta. Selecione-a.*

1. Para o subjetivismo, «a pena de morte é injusta» significa:

- (A) «Abaixo a pena de morte!
- (B) «A pena de morte é objetivamente injusta.»
- (C) «Eu não aprovo a pena de morte.»
- (D) «A pena de morte é socialmente desaprovada.»

2. O objetivismo defende que...

- (A) os juízos morais são verdadeiros ou falsos independentemente das preferências, dos modos de pensar e de sentir de cada pessoa.
- (B) tal como a neve é branca, a escravatura é injusta.
- (C) Todas as respostas anteriores.
- (D) Nenhuma das respostas anteriores.

3. A diversidade das culturas...

- (A) manifesta-se nos diferentes padrões de cultura que regem as relações sociais entre os seus membros.
- (B) exclui necessariamente a existência de verdades morais universais.
- (C) manifesta-se na religião, na arte, no vestuário e na maneira de cozinhar os alimentos, mas não na moral.
- (D) exclui que os padrões de cultura de uma sociedade sejam melhores ou piores do que os de outras sociedades.

4. Os padrões de cultura são...

- (A) normativos, porque prescrevem o modo como os membros de uma sociedade devem interagir socialmente.
 - (B) descritivos, porque nos informam acerca dos factos sociais característicos das diversas sociedades humanas.
 - (C) Todas as respostas anteriores.
 - (D) Nenhuma das respostas anteriores.
5. O relativismo cultural defende que «a escravatura é um mal» significa que...
- (A) a escravatura implica maior sofrimento do que bem-estar para a sociedade.
 - (B) «a maioria dos meus amigos desaprova a escravatura».
 - (C) «eu desaprovo a escravatura.»
 - (D) a escravatura é desaprovada (numa determinada sociedade).
6. Os relativistas culturais defendem que devemos escolher os nossos princípios morais seguindo...
- (A) o que é maioritariamente aprovado na nossa sociedade.
 - (B) o que é consensual entre todas as sociedades.
 - (C) os nossos sentimentos de agrado e de desagrado.
 - (D) a vontade de Deus.
7. Em moral, as intenções contam. Esta afirmação é...
- (A) falsa, porque apenas as consequências das ações são importantes para determinar o seu valor moral.
 - (B) verdadeira, porque não é possível basear a moral no egoísmo.
 - (C) falsa, porque mesmo as ações aparentemente altruístas têm origem em motivações egoístas.
 - (D) verdadeira, porque sem conhecer a intenção com que uma ação foi praticada não se pode determinar o seu valor moral.
8. O egoísmo psicológico é uma teoria...

- (A) normativa que afirma que a única obrigação de um agente consiste em agir por interesse pessoal.
 - (B) descritiva que afirma que as ações humanas só na aparência são egoístas.
 - (C) descritiva que afirma que todas as ações aparentemente altruístas têm motivações egoístas.
 - (D) normativa que afirma que a natureza humana impede a realização de ações altruístas.
9. O egoísmo psicológico...
- (A) é uma teoria normativa que afirma que devemos agir apenas por interesse pessoal.
 - (B) defende que os seres humanos são, por natureza egoístas.
 - (C) é uma teoria que defende que uma ética baseada no egoísmo é impossível.
 - (D) defende que os seres humanos se tornam egoístas dado que a sociedade os obriga a serem competitivos.
10. Agir tendo em conta os interesses dos outros (e não apenas por interesse pessoal) supõe um certo grau de altruísmo. Esta afirmação é...
- (A) verdadeira, porque o altruísmo e o egoísmo podem coexistir na mesma pessoa em graus variáveis.
 - (B) falsa, porque a entrega aos outros, quando existe, tem de ser total.
 - (C) verdadeira, porque o respeito pelos interesses dos outros pode levar uma pessoa a sacrificar-se por eles.
 - (D) falsa, porque respeitar os interesses dos outros pode ser do nosso maior interesse.
11. Segundo Hobbes, o egoísmo ético implica...
- (A) que a única obrigação moral consiste em agir de modo a satisfazer o interesse pessoal do agente.
 - (B) recusar ajudar os outros seja em que circunstância for.
 - (C) Todas as respostas anteriores.
 - (D) Nenhuma das respostas anteriores.
12. O egoísmo ético é uma teoria normativa porque...
- (A) somos naturalmente egoístas mas não devemos sê-lo na prática.
 - (B) temos a obrigação moral de agir apenas na defesa dos nossos interesses pessoais.
 - (C) somos naturalmente egoístas e não devemos contrariar a nossa natureza.
 - (D) Todas as respostas anteriores.

13. As regras morais são universais...

- (A) as regras morais que vigoram numa sociedade são as mesmas que vigoram em todas as outras sociedades.
- (B) o cumprimento das regras morais (como não mentir, etc.) não está sujeito a qualquer exceção.
- (C) as regras morais aplicam-se a todas as pessoas da mesma maneira.
- (D) o cumprimento das regras morais (como respeitar a palavra dada, etc.) não depende das circunstâncias.

14. O problema da justificação do Estado consiste em...

- (A) garantir o direito de os cidadãos votarem livremente, com o objetivo de eleger os seus representantes.
- (B) mostrar que o Estado foi criado devido aos desentendimentos dos homens no estado natural.
- (C) saber em que se baseia o direito do Estado de exercer o poder político sobre todos os cidadãos.
- (D) avaliar os benefícios que o Estado representa para as sociedades modernas.

15. Locke apresentou, sob a designação de *estado de natureza*, a sua visão do que teria sido a vida humana antes de o Estado existir. Esta estratégia...

- (A) deu origem à sua condenação do exercício do poder político com base nos direitos naturais dos cidadãos.
- (B) permitiu-lhe compreender melhor a natureza humana.
- (C) está na base da sua explicação para a maneira como a sociedade evolui desde os tempos mais primitivos.
- (D) permitiu-lhe dar resposta ao problema da origem e legitimidade do Estado.

16. As teorias contratualistas explicam...

- (A) a dimensão social da ética (que princípios são socialmente úteis?) em função da sua dimensão pessoal (como devo agir?).
- (B) o facto de os seres humanos estarem constrangidos a colaborar entre si porque são naturalmente egoístas.
- (C) a dimensão pessoal da ética (como devo agir?) em função da sua dimensão social (que princípios são socialmente úteis?).

- (D) o comportamento egoísta em função da necessidade de colaboração social de todos os indivíduos.
17. Segundo Kant, mentir é sempre errado porque...
- (A) a obrigação moral de um ser racional consiste em praticar *apenas* as ações que todos possam praticar.
 - (B) mentir pode ser transformado numa regra universal.
 - (C) Todas as respostas anteriores.
 - (D) Nenhuma das respostas anteriores.
18. Kant, ao defender que as regras morais são absolutas, queria dizer que...
- (A) as regras morais dependem do ponto de vista de cada um.
 - (B) as regras morais podem ser desrespeitadas em certas circunstâncias – por exemplo, se isso nos trazer felicidade.
 - (C) a necessidade de cumprir o dever não depende das circunstâncias nem pode estar sujeito a quaisquer exceções.
 - (D) a moral varia no tempo e no espaço.
19. O imperativo categórico afirma que...
- (A) devemos fazer o que for necessário para obtermos o que queremos.
 - (B) a razão só nos impõe os deveres que quisermos aceitar.
 - (C) devemos praticar as ações que tenham as melhores consequências esperadas para todos os envolvidos.
 - (D) apenas devemos praticar as ações cujas máximas possamos querer que se transformem em regras universais.
20. A moral kantiana é deontológica e não consequencialista porque...
- (A) é baseada nos sentimentos.
 - (B) é baseada em Deus.
 - (C) dá preferência às tradições.
 - (D) impõe barreiras morais ao que é permissível fazer para promover o bem.

Grupo II

1. Leia atentamente e responda às questões que se seguem.

1. O egoísmo psicológico defende que as ações humanas – incluindo as ações aparentemente altruístas – têm uma motivação egoísta mais profunda. Explique em que consiste esta teoria e discuta-a.
2. James Rachels defendeu que o egoísmo ético é uma teoria tão arbitrária como o racismo ou o sexismo. Explique porquê.

Grupo III

2. Leia os seguintes excertos atentamente e responda às questões.

“E exactamente aí é que começa o valor do carácter, que é moralmente, sem comparação, o mais alto, e que consiste em fazer o bem não por inclinação, mas por dever.

Uma acção praticada por dever tem o seu valor moral, *não no propósito* que com ela se quer atingir, mas no princípio que a determina; não depende, portanto, da realidade do objeto da acção, mas somente *do princípio do querer* segundo o qual a acção, abstraindo de todos os objectos da faculdade de desejar, foi praticada.

Dever é a necessidade de uma acção por respeito pela lei.

“Há, por fim, um imperativo que, sem se basear como condição em qualquer outra intenção a atingir por um certo comportamento, ordena imediatamente esse comportamento. Este imperativo é categórico. Não se relaciona com a matéria da acção e com o que dela deve resultar, mas com a forma e o princípio de que ela mesma deriva; e o essencialmente bom na acção reside na disposição, seja qual for o resultado.”

Immanuel Kant,

Fundamentação da Metafísica dos Costumes.

1.1 Explique porque é tão importante para Kant que as nossas ações sejam praticadas *por dever* e não sejam apenas *conforme o dever*.

1.2 Distinga imperativos hipotéticos de categóricos.

Fim

Inquérito por Questionário

Este inquérito por questionário está inserido no projeto de investigação *Que Lugar para a Filosofia na era da Tecnologia e Globalização*, no âmbito do estágio profissional.

Género: **Feminino**

☐

Masculino

☐

Idade: _____

De acordo com as seguintes questões, responda de forma sincera e responsável.

1. Considera ser indispensável o uso das Tecnologias no nosso dia-a-dia?
(escolha apenas uma opção)

Sim

☐

Não

☐

2. E no processo ensino-aprendizagem? Considera igualmente indispensável o uso das Tecnologias? (escolha apenas uma opção)

Sim

☐

Não

☐

3. E a Filosofia? Reconhece a sua importância no contexto escolar em que se insere? (escolha apenas uma opção)

Sim ☐

Não ☐

4. Considera viável a utilização da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia?(escolha apenas uma opção. Se a sua resposta for sim, justifique)

Sim ☐

Não ☐

5. Como preferiria que as aulas de Filosofia fossem lecionadas?

(enumere por ordem de importância de 1 a 4, sendo que 1 é o nível mais inferior e o 4 o mais elevado)

☐

Com o auxílio de textos e a sua análise.

☐

Com o recurso a apresentações expositivas

☐

Com atividades diversas e dinâmicas (debates, diálogo, investigação ou pesquisa, trabalhos em grupo, etc).

☐

Através de jogos interativos, como o Quizz Filosófico ou outros recursos áudio visuais, etc.

6. Na medida em que hoje mais que nunca a tecnologia está presente em toda a parte, considera que a Filosofia deveria ter um papel reflexivo sobre esta nova realidade? **(escolha apenas uma opção)**

Sim

☐

Não

☐

Inquérito por Questionário

Este inquérito por questionário está inserido no projeto de investigação *Que Lugar para a Filosofia na era da Tecnologia e Globalização*, no âmbito do estágio profissional.

Género: Feminino

☐

Masculino

☐

Idade: _____

De acordo com as seguintes questões, responda de forma sincera e responsável.

1. Considera ser indispensável o uso das Tecnologias no nosso dia-a-dia?
(escolha apenas uma opção)

Sim

☐

Não

☐

2. E no processo ensino-aprendizagem? Considera igualmente indispensável o uso das Tecnologias? (escolha apenas uma opção)

Sim

☐

Não

☐

3. E a Filosofia? Reconhece a sua importância no contexto escolar em que se insere? (escolha apenas uma opção)

Sim ☐

Não ☐

4. Considera que de alguma forma os paradigmas da Filosofia poderão estar em risco com o uso excessivo das tecnologias? (justifique a sua escolha)

Sim ☐

Não ☐

5. Considera viável a utilização da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia?(Escolha apenas uma opção. Se a sua escolha for sim, justifique.)

Sim ☐

Não ☐

6. Como preferiria que as aulas de Filosofia fossem lecionadas?
(enumere por ordem de importância de 1 a 4, sendo que 1 é o nível mais inferior e o 4 o mais elevado)

☐ Com o auxílio de textos e a sua análise.

☐ Com o recurso a apresentações expositivas

☐ Com atividades diversas e dinâmicas (debates, diálogo, investigação ou pesquisa, trabalhos em grupo, etc).

☐ Através de jogos interativos, como o Quizz Filosófico ou outros recursos áudio visuais, etc.

7. Na medida em que hoje mais que nunca a tecnologia está presente em toda a parte, considera que a Filosofia deveria ter um papel reflexivo sobre esta nova realidade? **(escolha apenas uma opção e justifique)**

Sim ☐

Não ☐

8. A imagem que tinha da disciplina de Filosofia é a mesma que tem agora? **(escolha apenas uma opção e justifique a sua resposta)**

Sim ☐

Não ☐

9. A disciplina de Filosofia ajudou-o de alguma forma a compreender melhor as problemáticas do mundo atual? (escolha apenas uma opção e justifique a sua resposta)

Sim

☐

Não

☐

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO 😊



Que Lugar para a Filosofia na era da tecnologia e globalização?

Este inquérito por questionário insere-se no trabalho de investigação, no âmbito do estágio integrado do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário. Para compreender algumas questões pertinentes relacionadas com o tema, agradece a sua colaboração. Desde já, obrigada pelo seu contributo.

***Obrigatório**

Sexo *

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

Quantos anos de lecionação? *

- ☐ menos de 5
- ☐ entre 5 e 10
- ☐ entre 10 e 20
- ☐ mais de 20 anos

1. O ensino da Filosofia no ensino secundário está submetido ao mundo em rede atual? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

2. O uso das tecnologias condiciona o trabalho do docente na sala de aula? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

3. Este novo paradigma informativo e comunicativo obriga a repensar o modo de apresentar e de transmitir os conteúdos da aula de Filosofia? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. É importante e urgente que o ensino da filosofia seja iniciado no 9º ano de escolaridade como disciplina integrante do currículo? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

5. Considera o uso da tecnologia, como recurso à aprendizagem filosófica, uma forma de tornar essa aprendizagem mais atrativa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

6. Estará a Filosofia, enquanto disciplina, em risco de desaparecer do currículo? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

7. Como explica o desinteresse dos alunos pela atividade filosófica? *

- ☐ • É uma questão cultural. Não somos um país de tradição filosófica.
- ☐ • O sistema educativo não está direcionado para o exercício do pensamento crítico e da própria atividade filosófica.
- ☐ • Numa era predominantemente tecnológica o estudo de autores de outros tempos é, por si só, desinteressante.
- ☐ • O currículo e o programa de filosofia estão obsoletos e desajustados, relativamente às preocupações atuais.